

# REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Concurso Nacional para formadoras de Catequistas <i>Promovido pela C. R. B. entre as Religiosas</i> .....	577
A Imprensa e o Cinema a serviço do apostolado moderno <i>Frei Romano Kocpe O. F. M.</i> .....	592
Problemas de formação religiosa <i>Irmã Inês Campos S. Sp. S.</i> .....	604
A preparação da Missão geral de Recife <i>Pe. Tiago G. Cloin C.Ss.R.</i> .....	616
Questões médico-morais — I — Narcóticos <i>Pe. Frei Rafael de União O. F. M. Cap.</i> .....	621
O Instituto Missões da Consolata <i>Pe. Mário Chiabrera I. M. C.</i> .....	624
Comunicações .....	631
Crônicas .....	634
Bibliografia .....	640

COM APOVOAÇÃO ECLESIASTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil  
Rua Farani N.º 95 — Rio de Janeiro — Brasil  
Diretor Responsável: Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.

# CONCURSO NACIONAL PARA FORMADORAS DE CATEQUISTAS

Promovido pela C. R. B. entre as Religiosas  
Julho de 1957 a Janeiro de 1959

## REGULAMENTO

### A — Das finalidades.

1 — O Concurso nacional promovido pela C. R. B. entre as Religiosas de tôdas as Congregações, tem por fim estimular a preparação das Religiosas para o apostolado de formar outras catequistas entre suas alunas ou senhoras e moças atingidas pelas suas instituições.

2 — Não promove a C. R. B. um concurso de Catecismo, como as maratonas realizadas entre alunos de diversos colégios, do Brasil ou da mesma Congregação ou Província. Mas promove um concurso entre as formadoras de catequistas, para intensificar êste apostolado.

3 — Visa ainda o Concurso proporcionar ambiente para que se manifestem vocações naturais e qualidades pedagógicas entre Religiosas que possam depois ser as professôras e organizadoras dos cursos de formação de catequistas, nos noviciados de suas respectivas congregações, ou nas obras.

4 — O concurso surgiu dos inquéritos e exames feitos sôbre a situação em que se encontra a catequese, em muitos pontos do Brasil, pedindo das Religiosas um trabalho mais profundo e sistemático, mais planejado. Partiu sobretudo da verificação de que as Religiosas são demasiado poucas para a tarefa que lhes cabe realizar neste setor, e que só se caminhará para uma solução adequada do problema da catequese, quando as Irmãs se multiplicarem em numerosas catequistas leigas que auxiliem seu trabalho.

5 — O concurso visa apenas a catequese em nível primário, para crianças até os 12 anos, ou para adultos sem nenhuma instrução religiosa. Não visa o Concurso o nível médio nem o superior.

6 — Como podem se dedicar à catequese primária catequistas com formação geral de nível tanto médio como superior, o concurso admitirá religiosas de qualquer dêstes graus. Exclue-se, evidentemente, a formação de nível primário, porque só muito excepcionalmente uma pessoa com estudos apenas primários poderá ser catequista.

7 — O concurso se destina exclusivamente a Religiosas, não se admitindo leigas.

8 — O Concurso, como atividade catequética, é uma instituição permanente da Conferência dos Religiosos, devendo repetir-se periodicamente, sob outras modalidades, como por exemplo, a melhor tese sobre determinado assunto catequético, a melhor organização de formação de catequistas em funcionamento, a província com melhor organização catequética, etc.

### **B — Do processamento do Concurso.**

9 — O Concurso se processará em 4 etapas: seleção entre as Irmãs de uma Casa Religiosa — entre as Irmãs da mesma Província religiosa — na sede da Secção Estadual da C. R. B. — no Rio de Janeiro, as provas finais.

10 — A Superiora Provincial determinará, por circular enviada a todas as suas Casas, quais as comunidades que vão participar do Concurso. A C. R. B. pede que seja o maior número possível.

11 — Podem se unir duas ou três comunidades pequenas da mesma cidade, para fazerem um só concurso local.

12 — As vencedoras do concurso local comparecerão à Sede da Província, onde se farão as provas para seleção das melhores formadoras de catequistas da Província. Duas, pelo menos, como número mínimo. O número máximo, será determinado pela Superiora Provincial, atendendo às conveniências de sua Província.

13 — Na sede de cada Secção Estadual da C. R. B., ou seja em todas as capitais dos Estados, se fará uma semana catequética, para todas as religiosas do Estado, com programa de conferências e aulas práticas previamente elaborado. Paralelamente a esta semana, far-se-ão as provas de seleção das primeiras formadoras de Catequistas na Secção Estadual: 4 Religiosas, as primeiras colocadas nas provas, por Estado. As Secções Estaduais que desejarem mandar maior número de participantes às provas finais, deverão consultar previamente a Diretoria da C. R. B.

14 — No Rio de Janeiro celebrar-se-á um Congresso dos Religiosos Catequistas, com programa próprio. Uma semana antes deste Congresso, se farão as provas finais, entre as vencedoras do Concurso nos Estados. No encerramento do Congresso se proclamarão as oito primeiras colocadas do Concurso, que receberão os prêmios finais.

15 — Na Secção Estadual e no Rio de Janeiro o Concurso se fará simultaneamente dividindo as concorrentes em dois grupos: as que só têm estudos de nível médio, e as de nível superior. O programa será o mesmo,

para um e outro grupo, a maneira de fazer as provas, a pauta de notas, o funcionamento todo do concurso será idêntico, para os dois níveis. A diferença estará no conteúdo das questões, na correção das provas, havendo bancas examinadoras diferentes. Os prêmios são iguais para um e outro grupo.

### C — Da Admissão ao Concurso.

16 — A admissão ao Concurso em suas duas primeiras fases: seleção entre as Irmãs de uma Comunidade, e entre as Irmãs de uma Província, será feita de acôrdo com as determinações da Revma. Madre Superiora local ou Provincial.

17 — Para admissão ao Concurso, em sua terceira fase, ou seja, na Secção Estadual da C. R. B., a religiosa deverá apresentar:

a) — o próprio curriculum vitae, do qual devem constar os estudos feitos, com indicação do lugar e data, tanto os estudos profanos como os estudos religiosos, reconhecidos ou não pelos govêrnos, e as indicações referentes à vida religiosa: a que comunidade pertence, a qual província e congregação, quando fez o Noviciado e a 1.<sup>a</sup> profissão. Assinado pela Religiosa com visto da Superiora Provincial ou Geral.

b) — Um relatório de sua atividade como catequista ou formadora de catequistas, na própria obra, ou em centros catequéticos que funcionam fora da própria casa, de maneira a demonstrar a maior ou menor eficiência da catequista. Este relatório, deve ser visado pela Superiora Religiosa imediata e por um eclesiástico que conheça o centro catequético: o Vigário, o Bispo, ou o Presidente da Secção Estadual.

c) — Uma carta da Superiora Religiosa competente, informando sôbre a seleção anterior feita na própria Província religiosa, e dando autorização explícita à catequista de participar do concurso e receber os prêmios, se for a vencedora, na forma estabelecida por êste regulamento.

16 — A admissão ao Concurso em suas duas primeiras fases: fará mediante encaminhamento dos documentos indicados no inciso anterior, da C. R. B. — Secção Estadual para a C. R. B. - Rio, e mais uma carta-relatório, referindo sôbre o concurso feito no Estado e as classificações finais obtidas.

19 — E' indispensável para admissão ao Concurso, no Estado e no Rio de Janeiro, que a Religiosa esteja exercendo o apostolado catequético, ou dando catecismo diretamente às crianças, ou, o que é preferível, formando catequistas. Isto será documentado pelo relatório a que se refere a letra "b"

do inciso 2 dêste capítulo. Na classificação final das certamistas, o primeiro critério a ser levado em consideração, é precisamente o apostolado catequético realizado pela Religiosa.

20 — Não se admitem leigas ao concurso, nem mesmo aspirantes nem postulantes. A primeira profissão religiosa é condição necessária. Não será admitida a religiosa que porventura tenha sido totalmente dispensada de suas obrigações para se dedicar exclusivamente à preparação das provas do concurso.

21 — Não se admitem candidatas que tenham apenas estudos primários.

22 — Todas as inscritas deverão apresentar um plano de aula, para curso de formação de catequistas, para cada matéria do programa. Portanto, três planos, um de cada matéria, sobre ponto à sua escolha.

#### **D — Das provas.**

23 — O concurso se fará mediante provas escritas, orais e práticas.

24 — As provas escritas serão 3 (três), uma para cada disciplina do programa: psico-pedagogia, prática do catecismo e organização da catequese, doutrina e história da Igreja.

25 — Em cada uma destas provas, a banca examinadora sorteará no início um ponto, sobre o qual formulará três questões.

26 — O julgamento da prova escrita será feito atribuindo-se a nota de 0 a 10, podendo o professor atribuir valor diverso às diversas questões formuladas.

27 — Haverá intervalo entre uma e outra prova. Durante a mesma prova, as Catequistas não poderão ausentar-se da sala de exames.

28 — As Catequistas terão direito, para cada prova, ao tempo mínimo de uma hora, e máximo de três.

20 — Serão também três as provas orais, uma para cada disciplina, devendo a banca examinadora interrogar a Catequista, sobre ponto sorteado no momento, pelo prazo mínimo de 10 minutos. Será atribuída a nota de 0 a 10.

30 — A prova prática, que se deverá realizar na C. R. B. - Secção Estadual e na C. R. B. - Rio, constará de uma aula que as 16 melhores classificadas darão às outras concurrentes, sobre qualquer ponto do programa de uma das três matérias, indicado pela Banca Examinadora pelo menos duas horas antes de sua realização, podendo a Catequista utilizar os recursos e subsídios que julgar conveniente e que encontrar disponíveis. Esta prova

não é uma aula de catecismo para crianças, mas uma aula de formação de catequistas, para adultos.

31 — Terminando a aula, que não terá duração superior a 30 minutos, a banca examinadora atribuirá a nota, de 0 a 10, levando em consideração os seguintes elementos: dicção — expositiva — ordem lógica do plano de aula — utilização de subsídios didáticos — interêsse dos alunos — disciplina da classe e aplicações práticas feitas sôbre o ponto de doutrina explicado.

32 — A nota final do Concurso, para classificação, será a média aritmética das notas das várias provas realizadas.

33 — Em caso de empate na classificação, a banca examinadora mandará primeiramente rever as provas escritas, por outro professor que não o primeiro examinador; não se podendo resolver pelas primeiras provas escritas, a comissão julgadora mandará realizar novas provas, entre as concorrentes em disputa, sôbre outro ponto sorteado, de uma das provas, preferivelmente a de doutrina; não se podendo resolver pela segunda prova escrita, considerar-se-á como vencedora, para classificação, a que tiver curriculum vitae menos rico, ou enfim se recorrerá ao valor dos centros catequéticos organizados pelas concorrentes, de acôrdo com os relatórios apresentados.

34 — As catequistas poderão apelar do julgamento da banca examinadora para a Diretoria da C. R. B., no Estado ou no Rio, conforme a fase do concurso, concedendo-se a revisão da prova escrita, ou nova prova oral, que então versará sôbre outro ponto sorteado. O pedido de revisão deverá ser feito por escrito, e referir os motivos. O segundo julgamento torna sem efeito o primeiro.

#### **E — Dos programas.**

35 — O Concurso versará sôbre provas de Psico-pedagogia — Prática do Catecismo e organização da catequese — Doutrina e História da Igreja.

36 — Os programas correspondentes acompanham o presente regulamento, do qual são parte integrante.

#### **F — Dos prêmios.**

37 — Há duas séries de prêmios, para as finalistas, atendendo aos dois grupos em que se dividiram as certamistas. Há dois primeiros prêmios, dois segundos, dois terceiros, e duas menções honrosas, um para nível médio e outro para nível superior.

38 — O primeiro prêmio consta de uma viagem a Roma, com audiência particular do Santo Padre previamente marcada, em companhia de S. Eminência Reverendíssima o Sr. Cardeal Valério Valeri, Prefeito da Sagrada Congregação dos Religiosos. Poderão as premiadas passar por Fátima e Lourdes, devendo visitar Bilbao, na Espanha, para ver a organização catequética perfeita daquela Diocese. A Conferência dos Religiosos paga as passagens, de navio, classe turista, ida e volta, bem como as passagens de trem na Europa. A hospedagem e as pequenas despesas além das passagens, correrão por conta da Congregação. As duas premiadas deverão viajar juntas, para resolver o problema da companhia, a não ser que as duas Superiores disponham diversamente, de comum acôrdo.

39 — O segundo prêmio consta de um projetor de catecismo, fixo, marca Malinverno, modelo Triscop, acompanhado da coleção completa dos filmes catequéticos e libretos da L. D. C. (Libreria Dottrina Cristiana), de Turim, Itália.

40 — O terceiro prêmio consta de uma coleção de livros catequéticos, constituindo uma biblioteca sobre a matéria.

41 — A menção honrosa será uma bolsa de estudos, para o curso superior de religião ou de catequética, no Brasil, que a premiada preferir.

42 — O valor financeiro, do primeiro prêmio é calculado em Cr\$ 50.000,00 aproximadamente, o segundo, Cr\$ 24.000,00, o terceiro, Cr\$ 12.000,00, e a menção honrosa, Cr\$ 6.000,00.

43 — Não é permitida a transferência do prêmio, sobretudo do primeiro, para outra Religiosa, nem da própria nem de outra Congregação. A premiada deve usufruir do prêmio pessoalmente, e para isto se exige que sua Superiora, antecipadamente, autorize as que entram nas provas finais, dando a necessária licença. O segundo e o terceiro prêmios, levarão, nas máquinas e nos livros as inscrições relativas ao concurso, mas podem ficar depois como material catequético da Casa em que trabalha a Religiosa, de acôrdo com os dispositivos de suas próprias Regras sobre o voto de pobreza. A menção honrosa também é pessoal e intransferível.

44 — Os prêmios ficarão à disposição das vencedoras, por tempo indeterminado, dando-se-lhes o direito de escolher a época mais oportuna da viagem ou do curso. Os prêmios em objetos e livros serão entregues imediatamente após a proclamação do resultado final.

45 — Tôdas as participantes do concurso, em plano estadual ou nacional, que obtiverem nas provas escritas e orais, a média mínima de 5, receberão especial certificado de catequistas e de formadoras de catequistas para a catequese de nível primário.

46 — Não se admite a conversão do prêmio no valor monetário equivalente.

47 — Os prêmios para os concursos provinciais e para os concursos estaduais serão organizados pelas Autoridades da Província ou da Secção Estadual de acôrdo com suas possibilidades.

#### **G — Calendário.**

48 — O Concurso é proclamado oficialmente, considerando-se aberto, desde a Assembléia Anual das Superiores Maiores, reunida no Rio de Janeiro, de 18 a 20 de Julho de 1957.

49 — Na primeira e segunda fase do concurso, as Superiores Provinciais terão plenos poderes para marcar a data das provas da maneira que julgarem mais conveniente, não podendo, porém, ultrapassar a primeira semana de Julho de 1958. Desta forma as concorrentes terão um ano inteiro para preparar as primeiras provas do concurso. Entre Julho de 1958 e Janeiro de 1959, poderão ultimar sua preparação as vencedoras dos concursos estaduais, para a realização das provas finais, que se farão no Rio de Janeiro, na segunda quinzena de Janeiro de 1959.

50 — As Superiores Provinciais, o mais tardar até 30 de Maio de 1958, enviarão à C. R. B. - Rio uma comunicação, indicando quantas religiosas, aproximadamente, de sua Província, deverão participar dos concursos estaduais, e a que Secção desejam enviá-las. A C. R. B. - Rio imediatamente comunicará aos Estados o número aproximado de concorrentes em cada um deles.

51 — Na Secção Estadual — terceira fase do Concurso — os trabalhos deverão estar terminados o mais tardar no último dia de Julho de 1958. A seguir, enviarão à C. R. B. - Rio o relatório dos trabalhos realizados, a relação das vencedoras, e seus documentos, para inscrição das mesmas às provas finais do Concurso.

52 — As provas finais, na quarta e última fase do Concurso, se realizarão no Rio de Janeiro, de 15 a 22 de Janeiro de 1959.

53 — Na última semana de Janeiro de 1959, de 22 a 30, se realizará um Congresso Catequético, para religiosos e religiosas, a que será convidado também o Clero secular, terminando com a premiação das vencedoras.

**CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL**

**Av. Rio Branco, 131 - 9.º (próprio)**

**RIO DE JANEIRO**

**FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS — CONCURSO NACIONAL**  
**Curriculum vitae, a que se refere o art. 17, "a" do Regulamento**

Nome civil da Religiosa .....

Nome religioso .....

Congregação .....

Província .....

Filiação .....

Data e lugar de nascimento .....

Fez o Noviciado em ..... Data .....

Fez a primeira profissão religiosa em ..... Data .....

Estudos feitos: curso primário em ..... Data .....

Curso ginasial (ou equivalente) .....

(indicar o nome do estabelecimento, lugar e data) .....

.....

Curso colegial, normal, ou equivalente .....

.....

Curso superior e diplomas oficiais que possui .....

.....

.....

Cursos próprios da Congregação (indicar quais, nome da casa em que

foram feitos, lugar e data) .....

.....

.....

Outros cursos (estabelecimento, lugar, data) .....

.....

.....

Atividades que exerceu no segundo semestre de 1957 (lugar e data) .....

.....

.....

Atividades que exerceu durante o ano de 1958 (lugar e datas) .....

.....

.....

Assinatura da Religiosa, e data:

.....

(carimbo da Congregação)

Visto da Superiora, com indicação do cargo:

.....

## PROGRAMAS

## Catequética

1 — O ensino religioso. Suas peculiaridades. Necessidade: no lar, na paróquia, na sociedade, na escola. Suas finalidades, instrução e formação moral, formação da consciência, para o estado de graça, os deveres, formação da piedade, formação apostólica, formação litúrgica.

2 — História da catequese: no Evangelho. Na Igreja primitiva. Na Idade Média — Depois do Concílio de Trento. Neste século. Os catequistas e os catecismos mais célebres.

3 — Legislação sobre o ensino religioso. Acerbo nimis. O Código de Direito Canônico. Provido sane consilio. O Concílio Plenário Brasileiro. Os Religiosos e a catequese.

4 — A catequista leiga. Preparação doutrinária, ascética, pedagógica. O ideal da catequista. Vocação. Seu papel na Igreja. A profissão de catequista. Remuneração. A situação peculiar do Brasil, em virtude da escassês de clero e de religiosas. O catequista popular. Instrução cristã e promoção da vida cristã.

5 — A formação de catequistas. Organização do curso. Programa e professores. Reconhecimento. A formação doutrinária e os estágios. Nos educandários: formação das alunas dos últimos cursos como catequistas. Nas escolas normais, nos colégios, nas escolas de filosofia, de serviço social e de enfermagem.

6 — A organização da catequese: o catecismo paroquial. Organização das classes. O problema da frequência. Movimentos catequéticos. Os centros catequéticos fora da Igreja Matriz e das casas religiosas. A atuação das associações religiosas e da Ação Católica. A Congregação da Doutrina Cristã: organização e funcionamento.

7 — A organização da catequese: o catecismo na escola. Conceito de escola cristã. O catecismo nas escolas católicas e leigas. Nas escolas oficiais. Horários, provas e competições.

8 — O movimento bíblico e litúrgico: seu aproveitamento no catecismo.

9 — Métodos. S. Sulpício. Munique. Mons. Negromonte. Colomb. Institutos Superiores Catequéticos mais conhecidos.

10 — O programa de catecismo. Programa completo. O programa de preparação à 1.<sup>a</sup> Comunhão e à crisma. Programa para o jardim de infância e para o curso primário. Para adultos.

11 — O texto de catecismo. Qualidades ideais do texto. Texto para o curso primário. Qualidades e defeitos dos textos mais conhecidos entre nós. O livro do mestre. Os livros de consulta.

12 — Condições exteriores de uma boa aula de catecismo. Sala. Material. Clima — Acolhimento das crianças. Onde faltam tais elementos.

13 — A aula de catecismo. Sua organização e preparação. Como manter a disciplina. Prêmios e castigos. O problema da atenção. O papel da memória. Ensino vivo. Centro de interesse.

14 — Material didático: museu catequético. Quadros murais. Mapas e gravuras. Alburns. Jogos. Filmes. Desenho. Trabalhos manuais. Quadro negro.

15 — A história no catecismo. Regras de utilização. Vantagens. Limites. A História Sagrada.

16 — Atividades: caderno de deveres, desenho, canto, jogos, dramatizações.

17 — Prática da catequese: aula de preparação à 1.<sup>a</sup> comunhão, para crianças de 5 a 7 anos, e de 7 a 9; aula para crianças do jardim de infância; para cada uma das séries da escola primária; para adultos.

18 — Práticas da vida cristã. Integração nas finalidades do Catecismo. Oração. A confissão. Vida eucarística: missa e comunhão. Associações. Canto religioso. Festas religiosas. Apostolado. Caridade, Sacrifício.

19 — Proporções da vida cristã: para os pequeninos; para as crianças de idade escolar; para os adolescentes; para adultos ignorantes.

20 — Problemas especiais da catequese. Bibliografia catequética: Livros, manuais, revistas, planos e programas. Necessidade de um centro de informações. O VI Mandamento na catequese das crianças. O insucesso e a incompreensão, geradores de desânimo.

### **Psico - Pedagógica.**

1 — Noções fundamentais sobre educação. Definição. Caracteres essenciais. A pessoa humana. Perfectibilidade e educabilidade. Os fins da educação. Desenvolvimento físico e espiritual. Educação integral. Instrução e educação.

2 — A escola e suas relações com a família, o Estado e a Igreja. Direitos da criança. O educando e suas exigências. Direitos e deveres do Estado. Direitos e deveres da Igreja.

3 — A formação da mente. Os sentidos externos. Os sentidos internos. O intelecto e sua educação. Graus e fatores da instrução. Condições e defeitos da educação intelectual. A atenção e sua formação. Métodos. Memória: seu legítimo aproveitamento.

4 A formação da consciência moral. Natureza, função, desvios e perfeição da consciência moral. Meios e métodos para a formação da consciência moral.

5 — A formação do coração. Natureza do fenômeno afetivo. Distinção e classificação das paixões. Conceito de educação do coração. Meios e métodos de educação do coração.

6 — A formação da vontade. Natureza e função da vontade. Defeitos e perfeição da vontade. Conceito de formação da vontade. Meios religiosos para a formação da vontade.

7 — O livre arbítrio: significado, existência, limites, responsabilidade.

8 — A formação do caráter. Conceito e fatores do carácter. Principais classificações. Método, processos e meios para a formação do carácter.

9 — A formação da personalidade. Conceito de personalidade. Natureza da personalidade moral. Momentos ou fases da personalidade. Método e meios para a formação da personalidade.

10 — Problemas particulares da educação moral. A educação religiosa: conceito de formação religiosa: métodos, meios e processos da educação religiosa. O problema da vocação e orientação profissional.

11 — Educação social. A pessoa do educando e a educação social. A sociedade e a educação. Educação social familiar, cívico-política, religiosa.

12 — História da Educação. Caracteres essenciais da pedagogia de Dupanloup, Manjon, Dom Bosco e Champagnat. São João Batista de la Salle.

13 — Papel da psicologia na educação e sua aplicação na catequética. Como conhecer a criança. A descoberta da criança. Método Montessori. Os períodos sensíveis. Método Decroly. O jogo na vida da criança.

14 — A criança e a atmosfera psíquica e social do seu ambiente. Características gerais da primeira infância. Como utilizá-las para a preparação da formação religiosa. Causas do desajustamento nos primeiros anos.

15 — Características da segunda infância. Papel do gesto na primeira e segunda infância. Psicologia evolutiva: dos 7 aos 9 anos. Aplicação à catequese.

16 — Psicologia evolutiva: dos 9 aos 12 anos. Dos 12 aos 14 anos. Evolução dos interesses até a adolescência.

17 — O desenho infantil. Evolução. Desenho e inteligência. Desenho e personalidade. Desenho e educação.

18 — Problema da mentira, do roubo, da timidez, nas crianças. Aplicações ao catecismo. A criança agressiva.

19 — Os testes no catecismo.

20 — O cinema e o equilíbrio psíquico das crianças. Papel do cinema no ensino em geral, e particularmente no ensino religioso.

## I — Doutrina e História da Igreja.

### a) Doutrina.

1 — Como Deus se manifesta:

- a) pela criação;
- b) pela revelação?

(Como no Novo Testamento se nos revela o Mistério da SS. Trindade e a relação das três Pessoas divinas?).

2 — Como conhecemos aquilo que Deus nos revelou? Qual a relação entre a Tradição divina, Escritura Sagrada e Magistério da Igreja?

3 — A Redenção pela mediação de Cristo:

- a) as três funções do Mediador: profeta, rei, sacerdote;
- b) a mediação junto de Deus e junto dos homens.

4 — A Igreja.

- a) como corpo místico de Cristo;
- b) como continuação das três funções de Cristo Mediador.

5 — Os Sacramentos:

- a) o batismo: sacramento da fé cristã;
- b) o crisma: sacramento da **confirmação** da fé cristã;
- c) a confissão: sacramento da **penitência** cristã;
- d) a comunhão: sacramento da **caridade** cristã.

6 — Em que consiste a participação no sacrifício da Missa? Como apreciar os diferentes modos de nêle participar: o uso do têrço, do livro de piedade, da oração mental e do missal?

7 — O pecado:

- a) distinção entre pecado mortal e venial;
- b) distinção entre o pecado contra a castidade e contra a modéstia;
- c) quando estes constituem pecado mortal, quando venial?

8 — A graça santificante e atual.

9 — A doutrina social da Igreja:

- a) limites do direito à propriedade privada: função das riquezas;
- b) critério do salário justo;
- c) participação nos lucros e na gestão da emprêsa.

1 — Quais são os critérios negativos e positivos da vocação sacerdotal e da vocação religiosa? Qual o papel dos educadores a respeito da vocação?

b) **História da Igreja.**

11 — O apostolado de São Paulo pela evangelização do Império Romano (o sistema de suas viagens).

12 — As perseguições romanas: desenvolvimento e fracasso.

13 — A evangelização do ocidente depois das invasões: os monges irlandêses (Gália), e os monges beneditinos romanos (Inglaterra) e anglo-saxônicos (no continente).

14 — A reforma gregoriana: origem e desenvolvimento.

15 — A origem e espírito das Ordens de São Bernardo, São Francisco e São Domingos.

16 — O cisma ocidental.

17 — A reforma protestante: Luteranismo e Calvinismo.

18 — A Contra-Reforma do Concílio de Trento e sua execução na Itália (São Carlos Borromeu), Alemanha (São Pedro Canísio) e na França (a "escola francesa").

19 — Pio IX: a questão romana e o Concílio do Vaticano.

20 — A atuação de São Pio X.

## BIBLIOGRAFIA

### 1 — Doutrina e História da Igreja.

O mistério da Igreja — M. T. — L. Penido.

O mistério dos Sacramentos — (Ed. Vozes) M. T. L. Penido.

Catecismo Romano (Ed. Vozes).

Initiation théologique I — IV.

Doctrine de vie au catéchisme, Colomb. — I - III.

Aux sources du catéchisme, III<sup>o</sup> v, Colomb.

Coleção das obras de A. Negromonte.

História da Igreja, Dom Bosco.

História da Igreja, Dom Jaime de Barros Câmara.

História da Igreja, I - III, Dagoberto Romag, O. F. M.

Histoire de l'Eglise du Christ, Daniel - Rops.

L'Eglise des Apotres et des Martyrs, Daniel - Rops.

L'Eglise des temps barbares, Daniel - Rops.

L'Eglise de la Cathedrale et de la Croisade, Daniel - Rops.

L'Eglise de la Renaissance et de la Réforme, I - II, Daniel - Rops.

### 2 — Psico-Pedagogia.

Introdução à psicologia da criança — Emile Pranchard.

Psicologia da criança — Silvio Rabelo.

Psicologia da criança — Maria Gonçalves Viana.

Elements de psychologie de l'enfant et de l'adolescent — A. Fauville.

Psychologie de l'enfant — Guy Jacquin.

Caractereologie des enfants et des adolescents — A. Gall.

A formação da personalidade — L. França.

Comment étudier le comportement des enfants — D. Driscell.

Eveilleurs de vie — Verdier.

L'Éducateur chrétien en face du cinema — Ed. Fleurus;

- A favor ou contra a educação nova — Duval.  
 O método Decroly — A. Hamaide.  
 L'enfant — a criança — Mme. Montessori.  
 Pedagogia científica — Montessori.  
 La guerison des défauts et des vices l'enfant — Gilbert Bolin.  
 Les grandes crises de l'enfance — Dublineau.  
 Les défauts de l'enfant — Bergé.  
 A educação integral — Pe. Carlos Leoncio da Silva.  
 Pedagogia — Pe. Carlos Leoncio da Silva.

### 3 — Catequética.

- Pedagogia do Catecismo — Mons. A. Negromonte.  
 O catequista ideal — Agenor Marques.  
 Aux sources du catéchisme — Pe. Colomb (3 volumes).  
 O catecismo segundo o Evangelho — Pe. Charles (2 volumes).  
 Manual da catequista — Religiosas do Cenáculo.  
 Livretos sôbre a Cruzada Eucarística e seus métodos:  
 Centro Nacional da Cruzada Eucarística — São Paulo.  
 Pedagogia Catequística — Florente.  
 Pedagogia Catequística — Gonzalez.  
 A vida e a alegria no catecismo (livro do mestre) Fr. Berkenne.  
 Catechese — Jungmann.  
 Organization du catéchisme — Colomb.  
 La vocation de catechiste — Colomb.  
 Pour le succès de nos catechismes — Cuitaz.  
 Tests collectifs de catechisme — 2 volumes — Marie Fargues.  
 Enseignement individualisé au catechisme — Cuitard.  
 Catechisme pour notre temps — Marie Fargues.  
 Catechisme et milieux de vie — Boyer.  
 Pedagogie chrétienne — Boyer.  
 La catechese de notre temps — Lumen Vitae.  
 Plaie ouverte au flanc de l'Eglise — Colomb.  
 La premiere Communion des petits enfants — Boyer.

# A IMPRENSA E O CINEMA A SERVIÇO DO APOSTOLADO MODERNO

*Frei Romano Koepe O. F. M.*

## I — RECORDANDO ALGUNS PRINCÍPIOS

Trata-se, de um assunto eminentemente pastoral, isto é, prático. Sendo assim, não há necessidade de alongarmo-nos em considerações de ordem teórica. A "teoria da boa imprensa e do bom cinema" (se assim podemos dizer) foi com freqüência e admirável clareza exposta pelos últimos Papas, que não se cansaram de encarecer aos curas de almas o importantíssimo e mesmo insubstituível papel da palavra escrita bem como da cinematografia na luta pela salvação das almas e pela propagação do Reino de Deus na terra. Basta lembrarmos a célebre expressão do Pastor de almas no Sólido Pontifício, São Pio X: "Em vão construireis igrejas, pregareis missões e fundareis escolas; vossas melhores iniciativas e todos os vossos esforços serão aniquilados se não empunhardes, ao mesmo tempo, as armas defensivas e ofensivas de uma imprensa que seja católica, leal e sincera".

Não há dúvida de que precisamos levantar igrejas, muitas igrejas. Todavia, isto não basta. Sabemos que os nossos templos já não são freqüentados **pela maior parte** dos batizados. Sabemos que esta maior parte em não poucas cidades e mesmo em algumas zonas do interior se eleva a 90% da população chamada católica... Mas, o que muitas vezes esquecemos, ao menos na prática, é que nós sacerdotes não temos menores responsabilidades por esta "maior parte" do que por aquela "pequena grei" que assiste regularmente à missa dominical e freqüenta os sacramentos.

Será preciso frisar que a salvação eterna desta "maior parte" corre riscos gravíssimos? Eis uma verdade que devemos encarar com bastante realismo. Não nos iludamos! Seria uma catástrofe para as almas e para nós... se nós sacerdotes não quiséssemos ver o perigo tremendamente sério de tantas almas cuja sorte eterna nos foi confiada, a nós, seja por

justiça ou por caridade, pelo Supremo Pastor Jesus Cristo, a quem um dia havemos de prestar contas rigorosas.

Há uma tentação na vida sacerdotal, contra a qual é preciso prevenir-nos. É a tentação de querer "acalmar" nossa consciência por meio de falsos argumentos, alguns dos quais se revestem com o manto de certa piedade. . . Por exemplo, dizemos que nem Nosso Senhor conseguiu salvar a todos os judeus. Está certo. Mas, não é menos verdade que o Divino Redentor lançou mão de **todos os meios** a fim de salvar a Israel. Podemos nós, sacerdotes, dizer a mesma coisa em relação àquela "maior parte" de fiéis que, praticamente, são infiéis? Que fazemos nós para reconquistar a grande massa perdida no abismo do indiferentismo? No entanto, há meios e caminhos para isso. Vejamos, *exempli gratia*, o bom jornal, a boa revista, o bom livro, o bom filme. Não seriam êstes outros tantos meios — talvez os únicos! — que nos facultem entrar em contato com o imenso rebanho das almas afastadas e influir salutarmente sôbre elas? Seria lícito desprezá-los uma vez que a Igreja, pelo seus Chefes, os Sumos Pontífices, mandou fôsem colocados ao serviço da cura de almas?

"Em vão pregareis missões. . .". A palavra profética de São Pio X está-se tornando realidade, infelizmente. Prova: as missões populares pregadas nos grandes centros urbanos já não atingem mais do que 10% da população. A palavra do missionário alcança apenas aquêlê punhado de almas fervorosas que ainda estão em contato com a vida sacramental da Igreja, ao passo que não chega até os 90% dos católicos para os quais as santas missões talvez fôsem a graça decisiva da vida. E as razões disso? São diversas. Não podemos analisá-las tôdas aqui. Entretanto, uma das principais é esta: uma imprensa liberal, sensualista ou pornográfica, bem como o cinema amoral, estão destruindo os últimos resquícios da fé em um sem número de corações.

"Em vão fundareis escolas. . ." De fato, o que adianta fundarmos escolas e colégios e nos esforçarmos por ministrar sólida educação religiosa e moral a crianças e adolescentes, quando êstes, depois de alguns anos, têm de viver num meio ambiente plasmado pelos princípios do liberalismo e laicismo onde, conforme demonstra a experiência, chegam a abandonar a prática da religião ou até mesmo a perder a fé. . . Tem-se dito que a imprensa, juntamente com o cinema, é a escola dos adultos. Que adianta termos a escola da criança e da juventude, quando uma escola de adultos orientada por princípios acatólicos mais cedo ou mais tarde irá destruir e arrazar o que nós com tantos sacrifícios procuramos levantar? Com outras palavras: nossa obra de educação, sob pena de ser em grandíssima parte aniquilada, neces-

sita como complemento de outra escola de adultos, isto é, uma imprensa e um cinema que não apenas não ofereçam nenhum perigo para a fé e os bons costumes dos nossos católicos, mas que os ensinem a viver o seu cristianismo integralmente.

Tal escola, evidentemente, não há de cair do céu, nem vai aparecer por geração espontânea. A construção de tal escola Deus Nosso Senhor confiou à nossa fé, ao nosso zêlo, à nossa inteligência, numa palavra, ao nosso zêlo **esclarecido**. Queremos frisar bem o adjetivo "esclarecido". Não há dúvida, os nossos padres lutam e labutam com zêlo edificante e com sacrifícios muitas vêzes sobrehumanos na vinha do Senhor, "construindo igrejas, pregando missões, fundando colégios", etc. Entretanto, êste zêlo, por mais edificante que seja, não basta. Deverá ser um zêlo verdadeiramente esclarecido. Poderíamos afirmar que os nossos padres possuem tal zêlo se não lançarem mão, em muito maior escala dêstes dois poderosíssimos meios de propagação do pensamento e da formação do meio-ambiente, que são a imprensa e o cinema, além do rádio e da televisão? Poderemos afirmar que êles têm algo da esperteza das serpentes (que Nosso Senhor recomenda aos seus apóstolos) se não utilizarem com tino e entusiasmo, e mesmo com paixão, êstes instrumentos para a divulgação das verdades cristãs e para a formação de um clima mental e de uma opinião pública necessários para que o cristianismo, hoje em dia, possa cumprir sua missão?

Vamos aprender dos filhos das trevas. Segundo o **Anuário estatístico do Brasil**, o número dos **Protestantes** em nosso país é mínimo, perfazendo apenas, 3,35% da população total. Entretanto, êste punhado de herejes conhece o valor da imprensa, desenvolvendo uma atividade simplesmente espantosa neste terreno. Vejamos alguns algarismos:

Entre 1948 e 1951, as diversas seitas protestantes espalharão:

264.862	Bíblias completas
270.758	Novos Testamentos
3.056.400	Fascículos de textos sagrados

Ao mesmo tempo, publicam nada menos do que 191 jornais e revistas e mantêm 25 casas editôras (Cf. "Orbis Catholicus" março de 1956, pág. 284).

E que pode a **Igreja Católica** apresentar neste sentido? Segundo um relatório publicado pela ASP (Agência São Paulo para divulgação do pensamento católico, 9.<sup>a</sup> edição, 1956) nós católicos, isto é, 96% da população total, possuímos 363 publicações, entre diários, êstes em número muito reduzido, jornais (semanais, quinzenais, e mensais), revistas, folhetos, anuá-

rios e almanaques, prevalecendo os periódicos mensais de tiragem bastante modesta.

Considerando estes dados, não somos tentados a exclamar com o Apóstolo antes da multiplicação dos pães: "Que é isto para tanta gente!" para os 20 milhões de brasileiros católicos que sabem ler?

Quanto à força de **penetração** das nossas publicações, nada podemos adiantar por falta de dados estatísticos suficientes (o que bem prova a desorganização da nossa imprensa). No que diz respeito à redação e apresentação gráfica, caracterizam-se, de modo geral, por grande pobreza. Estas 363 publicações são, na maior parte, revistas e revistinhas que têm como leitores aquêle grupinho de católicos fervorosos que são o apoio das nossas paróquias e o consôlo do vigário. Quer dizer, que nem numérica nem qualitativamente nossas publicações estão em condições de atingir a grande massa que vive esquecida de sua fé. Sua contribuição no sentido da formação da opinião pública é, por assim dizer, zero. Pode-se aplicar à imprensa católica no Brasil a frase do nosso Santo Padre Pio XII na encíclica "Evangeliî præcones" (1951) sôbre as missões: "Embora se haja feito muita coisa (em matéria de imprensa nos países de Missão), é muito mais o que resta a fazer".

Quanto ao **cinema católico**, nem vale a pena falar. Neste campo, a nossa inferioridade é absoluta. Entretanto, existem, espalhados pelo Brasil, algumas almas corajosas empenhadas em resolver êste difícil problema.

## II — IMPRENSA

### A — Ação conjunta dos Religiosos.

Vejamos agora o que resta a fazer no campo da imprensa, considerando, primeiro, as possibilidades de uma ação conjunta dos Religiosos.

I — Jamais nos será possível exercer uma influência decisiva sôbre a formação da opinião pública, enquanto não dispusermos de um número suficientemente grande e bem redigido de **jornais**, principalmente **diários** que são os órgãos formadores da opinião pública por excelência. Graças a Deus, já temos alguns que, entretanto, lutam, como é natural, com enormes dificuldades, tendo que enfrentar a concorrência da poderosa imprensa diária leiga. Por uma questão de consciência havemos de dar a êstes jornais todo o apoio possível, embora não sejam editados pela nossa Ordem ou Congregação. Havemos de propagá-los e prestar-lhes a irrestrita colaboração moral e financeira como se fôsem nossos, pois, na realidade o são, visto que defendem os nossos interesses e são preciosos colaboradores do

apostolado. Mais adiante estudaremos a maneira de auxiliá-los.

Quanto à fundação de novos diários católicos, pensamos não ser tarefa dos religiosos, mas dos Exmos. Srs. Bispos. Todavia, podemos e devemos preparar o terreno para a criação de uma numerosa e eficiente imprensa diária.

2 — De grande importância seria uma **Revista ilustrada católica**, uma revista perfeitamente aparelhada para concorrer com outras publicações desse gênero. Tal revista, quer-nos parecer, poderia ser editada mesmo por Religiosos daqui a alguns anos. Será obra difícil, sem dúvida, mas não impossível, sobretudo quando contar com a **união, o desprendimento e o espírito de sacrifício** de tôdas as Ordens e Congregações existentes no Brasil. A multiplicidade exagerada de publicações não é sinal de riqueza, e sim de desperdício de forças e por conseguinte, enfraquecimento. . . . Justamente aqui é que vale o célebre adágio: "A união faz a força". Belíssimo exemplo do que queremos dizer nos vem da Espanha católica. Não podemos furtar-nos ao prazer de lê-lo. "Um dos primeiros frutos do movimento na Espanha por um mundo melhor foi a unificação de esforços entre publicações juvenis.

Os colégios católicos vinham publicando 160 revistas diversas para crianças de dez a dezesseis anos. Abre-se agora caminho para uma, intitulada "Três Amigos", que vai aumentando rapidamente a tiragem porque a sua apresentação gráfica é magnífica. Foi verdadeiro milagre do Congresso Nacional de Perfeição e Apostolado, disse o escritor Pe. Xavier Echenique.

"O milagre produziu-se quando um Irmão das Escolas Cristãs, perante um grupo de Religiosos, sacerdotes e irmãos, disse mais ou menos o seguinte: "O único meio de salvar o mundo é a união. Afirmo-o o Evangelho. O único meio de chegar à união é o sacrifício de cada um de nós, de cada interesse particular pelo interesse universal. No problema das publicações juvenis, devemos sacrificar-nos, devemos morrer. Os Irmãos das Escolas Cristãs estão dispostos a sacrificar a sua própria revista com o fim de a integrarem numa grande revista juvenil, que seja de todos porque não exclusivamente de ninguém".

Nessa ocasião um comentário de um diário madrileno afirmava: "A Igreja edita na Espanha 566 publicações periódicas diversas, apesar disso — ou talvez por isso — carece de órgãos tènicamente perfeitos e de suficiente suficiência".

O Padre Echenique, que no seu estudo foi auxiliado pelo Pe. Manuel Maria Ibanez, mostra que a multiplicidade, a deficiência e a pobreza são as três características da imprensa da Igreja na Espanha. E cita como

exemplo de proliferação o fato de em 270 colégios dirigidos por Religiosos, 145 editarem sua própria revista, e 15 dêles, duas revistas, com uma média de 900 exemplares por ano.

“Em troca, triunfam na rua publicações (não católicas) para crianças e adolescentes, com 100.000 exemplares semanais, e algumas com 250.000 quinzenais”.

“Três Amigos” saiu em fins do ano passado com 100.000 exemplares. A revista generosamente sacrificada pelos Irmãos das Escolas Cristãs, “Vida e Luz”, tinha 40.000 semanais.

“Com bom papel, melhores desenhistas e material superior, pode disputar a rua com as outras revistas — acrescenta o Pe. Echenique — e vencer os jogos de botões, o golfinho, e conquistar tantos garotos que nunca vão ao colégio nem ao catecismo”.

Esperam os editores atingir brevemente uma tiragem mensal de 250.000 exemplares.

3 — Há, no Brasil, um número bastante elevado de jornais e também algumas publicações periódicas que, muito embora não tenham côm nem filosófica nem religiosa, não se negam a receber nossa colaboração. Temos aqui uma “chance”, uma possibilidade de trabalhar pelo Reino de Deus, que não deve ser desprezada, que, bem explorada, pode dar resultados maravilhosos. Até hoje, infelizmente, pouco foi feito neste sentido. Prova: a grande pobreza das colunas religiosas em quase todos os diários do R. de Janeiro e de São Paulo, diários que atingem milhões de homens. Temos, pois, um meio de, fácil e eficientemente, influir sobre milhões de almas pela colaboração prestada a êsses e outros diários. Naturalmente, esta colaboração, para ser lida e surtir o desejado efeito, deve revestir-se de tôdas as qualidades do jornalismo moderno: devem ser artigos que brilhem pela sua atualidade, seu interesse geral, sua redação impecável, expondo com clareza e precisão o pensamento católico.

Compreende-se que tais colaborações de alta qualidade não podem ser improvisadas. Não é qualquer cura de almas que poderá fornecê-las. Não se trata aqui de questão de boa vontade, mas de real competência. Uma coisa é pregar diante de um auditório de almas piedosas, pacientes e desajosas da palavra de Deus — outra coisa é escrever um artigo de caráter religioso para almas afastadas da religião, rebeldes e críticas. Mais, essas colaborações, que devem primar não somente pela qualidade, mas também por uma rigorosa assiduidade, dificilmente poderão ser escritas pelos nossos sacerdotes sobrecarregados com os mil afazeres do ministério paroquial. Propomos, por isso, a seguinte solução: que a C. R. B. funde uma **Agência de Artigos e de Notícias**, se possível, em articulação com Conferências de Re-

ligiosos de outros países, **para a propagação do pensamento católico através da imprensa neutra.** Para tanto, seria preciso a **concretização imediata** do planejado **Departamento de Imprensa.** Quanto bem poderia fazer tal Departamento! É claro que seria necessário "sacrificar" um ou outro padre. Mas, não seria isto um sacrifício largamente abençoado por Deus?

4 — Outro ponto que merece atenção é o **aprimoramento das revistas e folhetos editados pelas diversas Ordens e Congregações.** Cremos não errar afirmando que 90% de seus redatores e colaboradores jamais tiveram ocasião de estudar a técnica do jornalismo. Estão improvisando, com maior ou menor felicidade. Como se poderiam valorizar os esforços dos Religiosos dedicados a êste apostolado, se lhes fôsse dada a oportunidade de tomar parte num **curso de jornalismo,** porque, em matéria de imprensa, a improvisação será sempre sinônimo de falta de qualidade, de inferioridade! Propomos, por isso, que a Conferência dos Religiosos, pelo seu Departamento de Imprensa, realize, periódicamente, cursos de jornalismo, cursos intensivos ou de férias. E sejam os Revmos. Padres Superiores liberais em facultar aos Religiosos a frequência a êstes cursos que virão beneficiar altamente o seu trabalho.

5 — Seria, ao nosso ver, de grande utilidade, para não dizer urgência, que nossas Editôras elaborassem um **programa editorial** para satisfazer mais plenamente às várias necessidades pastorais do nosso país e da nossa época. Falando de modo geral e feitas louváveis exceções, o que se verifica é uma certa predominância da quantidade sobre a qualidade da produção; assim, por exemplo, não temos até hoje um bom Comentário didático para a História Sagrada do Novo Testamento. Da mesma forma há grande falta em matéria de literatura popular sobre a doutrina social da Igreja. São apenas alguns exemplos que se poderiam multiplicar com facilidade. Ora, o Departamento de Imprensa a ser fundado, poderia fazer um levantamento exato das necessidades pastorais no campo da imprensa, segundo os métodos da moderna sociografia religiosa. Não precisamos frisar que os dados de tal levantamento seriam uma preciosa orientação para as nossas Editôras.

Por outro lado seria conveniente que as nossas Editôras entrassem em **comum acôrdo** quanto aos programas editoriais, **delineando suas atividades publicitárias em favor da causa comum.** Assim, não aconteceria o caso de uma Editôra lançar obras já publicadas por outra. As necessidades e possibilidades no setor do bom livro são tantas e tão imensas no Brasil, que não há perigo de concorrência comercial.

## B — Ação Individual dos Religiosos

Esta ação conjunta dos Religiosos no campo da imprensa exige outra, não menos importante, a ação individual de cada Religioso vigário, coadjutor ou educador.

### 1 — No plano paroquial

1 — Jamais teremos uma imprensa católica à altura, capaz de cumprir sua nobre missão, se os curas de almas não se esforçarem por dar aos fiéis uma boa **formação de consciência** nesta matéria. Devemos convencer o povo de suas obrigações para com a boa imprensa. Como auxiliar a boa imprensa, como combater a má imprensa, são assuntos que deviam ser tratados, não esporádica e ocasionalmente, mas com frequência e sistematicamente, nas pregações, na catequese, no confessionário. Este trabalho de formação das consciências é básico para o desenvolvimento da nossa imprensa. É o trabalho preparatório indispensável para a fundação de diários católicos. Propomos, pois, que os religiosos façam uma campanha permanente e intensa no sentido desta formação. O Departamento de Imprensa desta Conferência encarregar-se-ia de fornecer aos vigários e seus coadjutores o material necessário para esta campanha: esboços de sermões e conferências sobre o assunto, cartazes de propaganda, etc.

2 — De máxima importância é a **divulgação da boa imprensa** já existente. Eis um dos meios mais eficientes para contrabalançar a ação corruptora da má imprensa. Para isso, o zelo esclarecido do cura de almas encontrará numerosas possibilidades, de acordo com as circunstâncias dos lugares, do nível cultural da população, etc. Vejamos brevemente o que poderia ser feito:

a — **Fundar bibliotecas paroquiais**, nas matrizes e nas capelas, bibliotecas sempre renovadas, em que não falem as últimas novidades. Nossas Editôras facilitam a fundação e renovação destas bibliotecas com descontos especiais.

b — Incentivar a fundação de **Livrarias católicas**, não somente nas cidades, mas também nas vilas do interior onde poderiam existir anexas a um estabelecimento comercial qualquer. Tais livrarias, durante tempo indefinido iriam lutar com grandes dificuldades, portanto, dever-se-ia dar-lhes pleno apoio moral.

c — **Influir sobre as livrarias existentes**, levar seus proprietários a retirar a literatura perniciosa e substituí-la por livros e revistas boas. Estabelecer contacto entre eles e as Editôras católicas para que tenham sempre

à venda um estoque de livros bons e mesmo religiosos. Não vamos esquecer que as livrarias são **pontos chave** para a divulgação da boa imprensa e que pelo contacto pessoal e amigável com os livreiros se poderia conseguir um bom resultado, sobretudo nas cidades do interior. Não seria pecado usar de certas represálias contra os livreiros de má vontade. Por exemplo, nas grandes cidades, onde houver diversas livrarias, daríamos a entender aos livreiros renitentes que os nossos fiéis seriam aconselhados a dar preferência às livrarias limpas.

d — Promover, de vez em quando, a **campanha do bom livro**, principalmente nas proximidades do Santo Natal. Nosso povo gosta de dar e receber presentes. Haverá, hoje em dia, presente mais barato do que o livro? Desta forma seria fácil introduzir, por exemplo, o Novo Testamento em todos os lares.

e — **Instalar a “banca da boa imprensa”** nas portas das igrejas, para divulgação fácil e cômoda, quase automática, de folhetos que tratem sobre assuntos religiosos ou morais da atualidade. Tais fascículos deveriam apresentar-se grãficamente atraentes, em linguagem verdadeiramente popular, deveriam também ser baratos (Cr\$ 3,00 a Cr\$ 5,00), cada número viria com preço marcado e o dinheiro seria depositado numa caixa junto à banca.

f — **Cuidar da presença de jornais e revistas católicas nas bancas de jornais.** Como no caso das livrarias, seria preciso influir e talvez catequizar os donos destas bancas. Em caso de má vontade, represálias! Concitaríamos os nossos fiéis a não comprar em bancas que expõem e vendem revistas heréticas e pornográficas.

g — **Promover a divulgação de boa literatura infantil e juvenil nos estabelecimentos públicos de ensino.** Uma professora católica, encarregada da distribuição, poderia fazer um apostolado excelente neste setor.

h — **Fazer a “coleta do bom livro e da boa revista”,** algumas vezes por ano, para distribuição em hospitais e cadeias públicas.

i — **Manter boas relações com os diretores dos jornais locais nas pequenas cidades do interior.** Desta forma poder-se-ia evitar a publicação de artigos prejudiciais à religião ou aos bons costumes.

3 — Um ponto de grande importância é a **boa formação do cura** de almas em matéria de bibliografia. O sacerdote é mestre, guia e médico espiritual. Portanto, é preciso que saiba aconselhar com competência livros para as mais diversas necessidades das almas. Um bom médico sabe de cór mais ou menos 500 receitas. E nós padres, quantos livros somos capazes de aconselhar às almas, de acôrdo com as suas precições? Por esta razão propomos que o Departamento de Imprensa da Conferência dos Religiosos trate de fundar um Serviço de informação bibliográfica que oriente os sacerdotes

sôbre a finalidade de cada livro que possa interessar ao seu apostolado, e que os mantenha a par de publicações novas.

4 — Conforme estamos vendo, é muito que se poderia fazer no campo da boa imprensa. Entretanto, para que se faça ao menos alguma coisa, é preciso que os nossos padres estejam profundamente compenetrados da necessidade dêste apostolado. Devemos procurar meios para despertar e manter vivas em nossos sacerdotes estas convicções. Ora, a C.R.B. pelo seu Departamento de Imprensa, poderia publicar de vez em quando um boletim sôbre o assunto, para criar e sustentar a chama sagrada do entusiasmo pelo apostolado da imprensa. Êste entusiasmo é indispensável. Nossos inimigos, comunistas, espíritas, etc. lutam com paixão; não será com mediocridade que poderemos enfrentar sua ação destruidora.

## 2 — No Plano Colegial

Vimos o que se pode fazer no plano paroquial; vejamos agora o que nos resta realizar em nossos educandários.

1 — Antes de tudo, tratem os educadores, prefeitos, professôres de religião e confessores de **formar a consciência** de seus alunos em matéria de leitura. Tal formação não se faz num dia, nem num ano. Será necessário uma atuação constante, de acôrdo com o desenvolvimento do aluno.

2 — Nas últimas séries do curso secundário seria muito conveniente dar algumas aulas sôbre a importância da imprensa católica no mundo de hoje e **sôbre os deveres que o católico tem para com esta imprensa**. Nestas instruções dever-se-ia também falar sôbre a grande missão do jornalista católico. E' possível que um ou outro aluno se entusiasme por esta profissão. Só teremos uma imprensa forte, quando tivermos um número suficiente de jornalistas católicos leigos. Não convém que as colunas de política estejam a cargo de sacerdotes.

3 — Para contrabalançar a nefasta ação de revistas infantis e, sobretudo, juvenis duvidosas, seria preciso criar uma revista dêsse gênero à altura, uma revista que, em matéria de conteúdo, ilustração e apresentação fôsse superior a tudo que existe neste ramo. O Departamento da Imprensa da C.R.B. deveria estudar os meios práticos para a realização dêste plano.

## III — CINEMA

O cinema — hoje em dia a terceira indústria do mundo — é outra fôrça poderosíssima que tanto pode estar a serviço do bem como do mal. Será exagero afirmar que até agora o cinema tem estado quase exclusiva-

mente a serviço do mal? Uma das causas disso é a atitude negativa que nós católicos, durante muitos anos, nutrimos em relação ao filme. Choramos e lamentamos, mas não soubemos agir. . .

Passou o tempo em que era permitido discutir sobre o filme como meio de apostolado. A ordem que veio de Roma é categórica: "Moralizai o cinema, criai o cinema católico!".

Tarefa, sem dúvida, difícil, mas não impossível! Tarefa que, evidentemente, poderá ser realizada aos poucos, obedecendo a um plano de ação isento de utopias, um plano que tenha por base um grande **realismo**.

Seria utopia querer influir sobre a indústria cinematográfica e sobre as agências distribuidoras por meio de argumentos de ordem moral ou sobrenatural. . . Empresas exclusivamente comerciais que são, só cedem a um único argumento: o financeiro, ou seja a possibilidade de um prejuízo econômico. Portanto, é aqui que deve começar nossa ação no sentido da moralização do filme.

Este prejuízo, para pesar na balança das Distribuidoras, supõe um número suficientemente grande e bem organizado de freguezes que recuse a oferta deste ou daquele filme menos bom, exigindo filmes moralmente inofensivos. Por exemplo, nenhuma distribuidora — e aqui nós exploramos também a forte concorrência que entre elas existe — vai querer perder 2 mil freguezes, o que seria um prejuízo bastante grave para elas, sobretudo se as nossas negativas se repetirem com frequência. Resultado, as distribuidoras fariam questão junto as produtoras no sentido de receber filmes inofensivos.

Seria esta a primeira fase da criação do cinema católico. Numa segunda fase, com a nossa crescente influência, e sobretudo com a união indefetível de todos os católicos, isto é, de todas as paróquias, de todos os colégios e também dos proprietários de cinema bem intencionados, poderia se exigir a produção, em maior número, de filmes de positivo valor moral.

O Departamento de Cinema da C.R.B. pretende levar a efeito este importante apostolado. Dispomos, nós Religiosos do Brasil, de aproximadamente 3 mil projetores. Quer dizer que somos uma força em potência. Ora, é preciso atualizar esta força pela nossa união. Na prática: se os nossos colégios, as nossas paróquias, em vez de alugarem seus filmes das diversas distribuidoras, ficando, assim, sob a sua dependência (o que, não raras vezes, causa sérios inconvenientes e aborrecimento), quisessem alugá-los diretamente (sem intervenção de terceiros!) do Departamento de Cinema desta Conferência, este, em virtude dos 3 mil projetores aos quais fornece, poderia transformar-se numa espécie de Super-Distribuidora, com bastante

fôrça para exigir ou recusar os filmes que quisesse; de acôrdo com os ditames da consciênciã católica.

O Departamento de Cinema, que começou a entrar em atividade no dia 1.º de abril dêste ano, proporcionou nos primeiros dois meses de sua vida, nada menos do que 38 exhibições de filmes bons, sôbre os mais diversos assuntos, inclusive religiosos. "Os filmes, prêviamente censurados pelo Departamento, foram encaminhados às Casas Religiosas, poupando tempo e trabalho aos Superiores e Superiores, e garantindo-lhes um filme moralmente bom". Só esta última vantagem que contribue para aliviar a consciênciã dos Superiores nesta matéria — recomenda o novel Serviço, merecendo-lhe o mais pleno apôio dos Diretores de colégios bem como dos vigários. Além disso o citado Departamento proporciona aos Religiosos vantagens econômico-financeiras. "Nestes dois meses — escreve o Revmo. Pe. Irineu na Circular aos Superiores e Superiores do Distrito Fderal e Estado do Rio — nossos filmes ainda eram caros. Pelo volume de exhibições e aluguéis que fizemos, já podemos contar com uma boa redução nos preços. A media de preço, a partir de 1.º de junho, é de Cr\$ 400,00 para filmes comuns, prêto-e-branco, e Cr- 800,00 para os filmes especiais, em côr, ou certos filmes prêto-branco de primeira classe".

Como se vê, há um meio para a criação do cinema católico entre nós. E' o Departamento do Cinema desta Conferência, por ora ainda pequeno como o grão de mostarda do S. Evangelho, mas certamente destinado a crescer e transformar-se em árvore gigante — pelo interêsse e pela união dos Religiosos e das Religiosas do Brasil.

# PROBLEMAS DA FORMAÇÃO RELIGIOSA

Irmã Inês Campos S. Sp. S.

## Introdução.

Este trabalho é uma simples apresentação de problemas que as Congregações devem enfrentar, quando recebem novos membros, quando os formam e como lutam para conservá-los após a profissão.

Estudaremos principalmente:

- I — Problemas que datam do tempo antes de entrar no convento
- II — Problemas do tempo do noviciado
- III — Problemas dos primeiros anos após o noviciado

## I — PROBLEMAS QUE DATAM DO TEMPO ANTES DE ENTRAR NO CONVENTO:

### a) Deficiência na instrução.

Certa instrução é absolutamente necessária para a vida religiosa, para conservá-la na sua altura, compreendê-la, realizá-la, vivê-la. A jovem que vem de uma classe mais modesta, sem o curso primário, sem instrução religiosa suficiente, até com certa superstição na sua piedade, que problemas pode apresentar durante o tempo de sua formação e depois da formação! Mesmo para as Irmãs Coadjutoras, como as têm algumas Ordens e Congregações, se faz necessário certo grau de cultura, de quatro anos do grupo no mínimo, para não se criarem dificuldades futuras. O perigo de um orgulho tolo e de uma falta de naturalidade desagradável é grande demais. O horizonte espiritual permanece estreito; o pensamento, sem lógica; em todas as questões da vida, manifesta-se uma ignorância surpreen-

dente. É impossível dar tôda a formação durante o noviciado. Antes de nêle ingressar, é preciso resolver os seguintes problemas:

- terá a candidata mentalidade sadia, certa coragem para arriscar algo de grande?
- capacidade de compreensão, jovialidade natural, espírito social, alegria no trabalho, na luta de cada dia?
- terá verdadeira intenção religiosa para glorificar a Deus, santificar-se a si mesma, salvar as almas, praticar a caridade?
- ou haverá motivos menos nobres, tais como: melhorar sua situação, assegurar-se o futuro?

Como luta a mestra de noviças na formação dessas jovens, que assim mesmo ficará cheia de lacunas. Não se trata tanto de conhecimentos escolares, como de uma verdadeira cultura. Entendem o que foi lido, ouvido nas conferências, mas não compreendem o sentido ou então o compreendem errado, são lentas no pensamento, esquecem-se de tudo, mostram pouco interesse, pouca formação do coração e do espírito. Não lhes é possível compreender a sublimidade da vocação, sua finalidade primeira, a responsabilidade da tendência à perfeição a que está obrigada a religiosa pelos santos votos.

Eis as dificuldades da mestra, se tal jovem chega ao noviciado:

1. A mestra perde muito tempo com repetições da mesma coisa. Se faz exigências, julgam que não lhes quer bem, que há má vontade contra elas.

2. Como lhes falta a compreensão, muito difícil é o trabalho, o exercício do aperfeiçoamento pessoal nas virtudes próprias ao estado religioso. Não há, regra geral, uma inclinação ideal. A jovem vai recebendo a formação com as outras, vai-se educando, é levada, arrastada, e protegida pelas boas influências de que é cercada pelos bons exemplos, as qualidades do caráter menos louváveis raramente se revelam.

Professam. Aparecem os problemas, porque há falhas que não se compensam. Estas pobres irmãs facilmente se mostram orgulhosas, acham que sabem tudo melhor, querem dar a opinião em tôda a parte, ser estimadas, respeitadas, preferem mandar a obedecer. São tipos que não se dominam, que julgam tudo frívola e injustamente, não reconhecem suas faltas e se sentem eternamente postas de lado, incompreendidas, para si mesmas e para as outras uma cruz por causa do ciúme, supersensibilidade.

Causa má impressão aos de fora, quando uma Irmã não sabe falar corretamente, escrever uma carta sem erros, ler sem gaguejar. Tudo isto concorre para o bom nome, para a estima de que deve gozar uma Congregação, o estado religioso.

Sim, o pouco que essas Irmãs aprenderam nos anos de formação logo desaparece.

Um juvenato, onde elas pudessem receber instrução, aprender a pensar, provar se são mesmo capazes para o estado religioso, acessíveis a uma formação, seria talvez a solução custosíssima, dispendiosa, exigindo sacrifícios da Congregação. Mas tudo valeria, se lhe desse boas vocações. Naturalmente é preciso contar sempre com a pequena porcentagem de juvenistas que chegam à profissão religiosa.

Se a candidata já tem mais idade, se, excepcionalmente, mostrar bom caráter, formação e educação natural do coração, poderá ser aceita na Congregação. Muitas podem até distinguir-se por sua virtude, pela santidade de sua vida, pois são guiadas pelo Espírito Santo e o "Espírito sopra onde quer".

## b) Espírito da juventude moderna

Estamos cansadas de dizer e ouvir dizer que a juventude de hoje não é como a de antigamente, como a nossa juventude, dizem os mais velhos. O espírito da época só se vê dirigido para êste mundo; o além, o que está acima da natureza, ou é contestado ou tratado com indiferença, sem nenhuma atenção. Os acontecimentos são julgados de acôrdo com as conexões naturais. E' rejeitada a aceitação da vontade de Deus com humilde e amorosa sujeição. Desconhece-se o espírito de fé.

Não é a atmosfera em que possam florescer as vocações. Os jovens procuram a sua independência, preocupam-se com o seu futuro, arranjam-se empregos para assegurá-lo, fazer carreira na vida. Julgam-se incompreendidos, não aproveitam da experiência dos mais velhos, querem fazer as suas próprias.

Sim, cada geração tem seu característico particular, dependente das circunstâncias externas que agem sôbre a juventude.

Côncios disto, desta emancipação, é que os jovens procuram a libertação da geração passada para encontrar a sua liberdade pessoal.

Sempre foi assim. Sempre o será. No entanto, devido ao progresso das ciências, da técnica, às muitas distrações, leituras, aos cinemas, rádios, televisão, podemos dizer que a situação se agrava. A transformação é mais rápida, é sentida de ano para ano, se não em espaço ainda menor. "A

juventude de hoje tem de suportar provas mais duras do que nós, 20, 30, 40 anos atrás”.

Se o homem moderno só dá crédito às suas próprias experiências, também guarda as mesmas disposições de espírito no campo da religião, da moral.

Resultado: não é mais fácil falar às jovens sobre as verdades abstratas, sobre a verdade, porque são muito subjetivas. A verdade da Igreja Católica as oprime, molesta, violenta, porque é formulada com muita precisão, e, como julgam, em contradição com a religião da caridade, a religião do amor. “Tôdas as religiões são boas! Podemos salvar-nos em tôdas elas”. É o que ouvimos dizer.

Crescendo numa época em que os valores morais foram como que minados, nossa querida juventude acha até que são atos de heroísmo as violências, os assassinios, a mentira, a astúcia. Se a juventude vacila, se desvia, não pensemos que é somente porque o mundo em que vive é mau, mas porque ela se aparta, se afasta cada vez mais dos antigos preceitos e quer dirigir sua vida pelos de sua própria experiência.

Imaginemos agora os choques que se dão, quando uma jovem moderna que viveu neste nosso ambiente entra para o convento. A solução dêste problema será muito instrutiva, dirigirá nossa atenção para uma coisa muito séria de nossa pedagogia. Como tratá-la? Como introduzi-la na vida religiosa? Uma atitude ríspida, que intimida, desalenta em vez de levantar? Os jovens são crianças que suportam até certa medida de severidade, mas que se fecham, se revoltam, quando os limites são imprudentemente ultrapassados e lhes é tirada a feliz esperança da realização de seu ideal.

### c) Problemas fisiológicos e psicológicos.

Estudando a nossa juventude, vemos nela dois problemas que muito nos devem interessar:

Primeiro: Por que a temporização do processo de sua madureza espiritual?

Segundo: Não deveria a sua entrada prematura na vida da sociedade, ser um meio de apressar a sua madureza?

Primeiro: Rompendo com a antiga geração, como já foi dito, a jovem se vê entregue às suas próprias experiências e passam-se os anos até que estas tenham sido feitas. Esta situação pode criar para as mestras e superiores problemas novos. Jovens sem completo desenvolvimento físico e psíquico pedem admissão nos conventos. Falta-lhes madureza suficiente para emitir o voto de castidade.

As conseqüências podem ser dolorosas, quando acorda a sexualidade. A jovem começa a não se sentir mais feliz, sofre de um permanente aborrecimento, enfado, não se conhece mais. Sempre pensa em si, o que é interpretado como falta de espírito religioso, de sentimentos de comunidade, de generosidade. Quantas energias preciosas foram desviadas, devido à falta de formação do coração! Que deve fazer a mestra então? "Tudo é puro para quem é puro", diz São Paulo, e Nosso Senhor: "Se teu olho fôr simples, todo teu corpo será luminoso".

#### Outro problema:

As jovens têm conhecimento de fatos isolados, mas lhes falta o discernimento, cultura e formação formal. A verdadeira formação é a que dá critério à inteligência e nobreza ao coração. Não adianta saber muito, é necessário assimilar pessoalmente aquilo que aprendemos. Eis o êrro de nossos vastos programas de ensino.

Vêm também para os conventos jovens com estudos superiores e seria para se esperar que estivessem armadas para as lutas da vida. Mas qual a observação que fazemos entre os intelectuais? Falam sôbre tudo com muito espírito, parece até com inteligência, sabem citar os mais modernos termos da filosofia, psicologia, mas lhes falta a verdadeira cultura. Há isenção do estudo profundo das verdades e problemas intelectuais e adaptação às realidades da vida.

Sabem os mandamentos, mas não penetram na grande ordem da natureza, nas leis que Deus aí infundiu. Vacila a confiança nas provas da existência de Deus e, assim, se vêem desprovidos dos princípios para uma vida prática da religião.

#### Segundo:

As jovens entram prematuramente em contato com o mundo, tomando parte em todos os divertimentos. Poderíamos pensar que isto apressaria o seu desenvolvimento espiritual, o que não acontece. Comunistas, socialistas estimulam a emancipação da mulher, levando-a a todos os setores da vida pública, onde se vê impedida de exercer seu instinto maternal, em contradição com a sua verdadeira vocação que, como diz Gertrud von le Fort, é sempre uma forma de maternidade espiritual. Esta situação, êste "progresso" cria para a jovem exigências enormes numa época em que deveria cuidar de seu desenvolvimento. Se entra no convento sente logo dificuldades nos exercícios da ascese, que lhe parecem muito difíceis, sente cansaço, necessidade de distração. Algumas não procuram no convento o

meio de renúncia, de doação, mas são levadas pelo cansaço, desilusão da vida. Quem sabe se Nosso Senhor quis também guiar essas almas para o seu santo serviço, aproveitando-se de certos acontecimentos?

A juventude de nossos dias é também dotada de grandes prerrogativas e, se é inconstante, é também sincera, franca, pronta para o sacrifício e não quer o meio termo: "Ou tudo ou nada!". Quer uma piedade que não seja um enfeite da grandeza de Deus. Compreende que a vida religiosa, o ideal da virgindade, da pobreza e da obediência não é coisa mesquinha e que é preciso ter coragem e força para se decidir por esta doação. A juventude de hoje tem o sentido do verdadeiro, procura o Cristo do Evangelho que incorpora, como Deus-Homem, todo o Cristianismo.

Não lhe basta mais a autoridade da superiora, da mestra para suprir a deficiência das lições e exigências. Os jovens querem ver a verdade na vida cotidiana, no corpo místico de Cristo, vida de comunidade, sem padronização da personalidade. Aqui é bom lembrar o que disse o Pe. Lombardi a respeito da tarefa da mestra, isto é, que não consiste em recalcar a "personalidade" mas levá-la a um completo desenvolvimento, de maneira prudente, sábia e acertada. Todos esses dotes exigem uma solução harmoniosa para que a juventude possa defender-se contra os perigos a que se vê exposta. As jovens que chegam aos nossos conventos estão à espera de uma direção que possa desenvolver a sua personalidade, resolver suas dificuldades pessoais. Seria erro querer tratá-las como se não tivessem já um passado. No caminho da virtude, não pode a mestra tratá-las como se partissem do ponto zero, responder com palavras esquivas, de dois sentidos. As lições devem ser dadas como a atualidade exige, porque as crises e problemas de nossos dias são outros. É preciso aproveitar-nos dos dotes de nossa juventude, dar-lhe confiança no poder da graça que o Apóstolo tão bem sabe explicar: "Tudo posso naquele que me conforta!"

## II — PROBLEMAS DURANTE O TEMPO DO NOVICIADO:

### a) Piedade.

"A piedade é útil para tudo, pois tem a promessa da vida presente e da futura".

"Certamente a força da vida religiosa da infância está no sentimento; mais tarde, a educação lhe ajuntará os motivos da razão" (Franzoni).

Podemos distinguir a Piedade sem base, sentimental, liturgista (exagerada), alheia (dos livros), aparente (dos gestos, externa), vocal, passageira.

A aspirante pode ter ficado na primeira etapa, por uma educação tôda falha. Então sua piedade dura nos dias de sol, de saúde, de bem-estar, de festa. Depois... desaparece desastrosamente.

A jovem que ficou no sentimentalismo não encontrou quem a encaminhasse para a frente, que lhe ensinasse a pedir o dom da verdadeira piedade, pois é "a graça de Deus que se encarrega do resto". Assim, "governadas pelos simples sentimentos, ora fervorosos, ora displicentes e tíbios, tôda a sua religião depende das emoções do momento presente. Quando excitadas à religiosidade, esquecem-se dos outros deveres, são capazes de passar um dia inteiro a rezar na igreja, gostam de altares enfeitados como um presépio, de luzes em profusão que distraem da concentração interior, de cânticos sacros muito dolentes, de orações cheias de mil expressões afetivas. Ninguém lhes fale em negação própria, em humilhações, em securas espirituais. Não compreendem a prática da religião com tais sacrifícios" (Mons. José Tibúrcio).

Se houve, entretanto, exageros nos impulsos, pode ser que a aspirante, em vez de piedade, traz para o noviciado apenas o "pietismo". Quantas falhas na educação dos sentimentos necessários da justiça, do amor, do bom gôsto, da caridade, da religião que se devem cristalizar no indivíduo!

Raras as aspirantes que trazem para o noviciado tal base que delas se possa dizer que sabem o essencial do Catecismo (Abbe Gelle): "Fazer pensar! Fazer sentir! Fazer agir! Fazer rezar!".

A "piedade sólida é a que se assenta na renúncia da própria vontade, para que se cumpra em tudo e sempre a Santíssima Vontade de Deus. A alma que a possui não muda os sentimentos do momento, é estável, não busca as consolações próprias, mas quer alegrar unicamente a Nosso Senhor. A piedade sólida é que merece o nome de piedade. Quem a possui é ordenado, sobrenatural, abnegado, não busca a glória própria, mas a divina, não receia o sofrimento, mas o encara com coragem, não se excusa às humilhações mas as recebe como vindas do bom Deus" (Mons. José. Tibúrcio).

A aspirante sem piedade sólida bem formada não acha fôrças necessárias nos momentos de dificuldades. Falta-lhe o espírito de fé, que decide sempre. Nas admoestações, revolta-se por longo tempo e nutre pensamentos de vingança. Faz comparações. Continua dias inteiros com êstes combates internos, de que não sabe tirar proveito. No convívio com os caracteres difíceis, não tem fôrça para ceder, vive em desarmonia. Desanima logo nos trabalhos contrários à natureza. Perde muito tempo na ociosidade, porque não sabe recorrer ao Tabernáculo, que é a atração das almas piedosas, unidas a Deus. Em vez de rezar, se ocupa com outras coisas que não condizem com a dignidade de sua vocação.

A piedade mista, fundada no princípio de tudo fazer para agradar e glorificar a Nosso Senhor, todavia é, as mais das vezes, a isto arrastada por uma íntima inclinação. Baseada na piedade sólida, é auxiliada pelos sentimentos.

A piedade liturgista, exagerada, constitui grave problema, principalmente quando a religiosa é inclinada a certa teimosia.

Como proceder a mestra para dar às suas pupilas e piedade sólida, "formada na luta, no combate contra a própria vontade, que impressiona as outras almas, prega-lhes o sermão mais eficaz, comove-as e arrasta-as?" "Só o zelo, insubstituível no coração de quem tem a tarefa de formar outros corações.

## b) Mortificação.

Que idéia fazem hoje os nossos jovens da mortificação? No entanto, também em nossos dias é ela necessária, ainda hoje vale a palavra de N. Senhor: "Quem quiser vir após mim, tome sua cruz e siga-me!". E S. Paulo: "Despojai-vos do homem velho com todas as suas obras e revesti-vos do novo, daquele que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou" (Col. 3,9).

É o fundamento da ascese. O essencial, porém, é o espírito interior de sacrifício, o propósito de ganhar completo domínio sobre si mesmo, para em tudo cumprir a vontade de Deus com fidelidade e amor. Nossa juventude que não foi educada no lar para a renúncia, compreenderá seu sentido, quando transpuser os umbrais de um convento? Terá meditado bastante nas palavras de N. Senhor: "Não vim trazer a paz, mas a espada"? Ou: "O que não toma a cruz e não me segue não é digno de mim"? Os modernos querem desembaraçar-se de tudo o que é incômodo, difícil; as medidas ascéticas são para os tempos passados, a luta contra si mesmo é coisa inconcebível. Amar a Deus, louvá-lo, consagrar-se a êle, cansar-se, esgotar-se em seu santo serviço, morrer por êle até; tudo isto atrairá as almas nobres e a juventude. Mas, morrer a si próprio, ocultamente, na obscuridade, bem dentro d'alma, desapegar-se, renunciar-se, desprender-se de tudo o que é a pura vontade de Deus, eis o que é sacrifício verdadeiro, total, diante de que a maioria fracassa. Eis o ponto em que os caminhos divergem em uma vida fervorosa e uma vida de santidade. Se de fato o grau da renúncia e da mortificação é o ponto decisivo para o progresso na perfeição — e não deixa de ser — que tarefa para a mestra iniciar suas noviças neste princípio da vida espiritual!

Devemos, como o deseja o Santo Padre, acompanhar o progresso da época nos seus métodos de trabalho, mas não nos deixar contagiár por idéias errôneas e espírito que afasta de Deus. "A renúncia de si mesmo por amor a Cristo é o único caminho que leva à perfeição. E este caminho não admite nenhuma transformação pelo tempo que se transforma", diz o S. Padre.

Não é possível levar com Cristo uma vida de Cristo sem a renúncia, sem a mortificação. A doutrina da renúncia está de fato no centro da doutrina e vida de Jesus. Basta somente abrir o S. Evangelho e disto teremos a prova. Mas, em nossos dias, não se quer mais ouvir falar em renúncia, mortificação, levar a cruz e fazer penitência. Escolhem-se têrmos mais delicados, expressões que soam mais suavemente, e se fala de domínio próprio, auto-educação, auto-enobrecimento, educação da vontade. Outros vão mais adiante e até ridicularizam os assim chamados pequenos sacrifícios. Acentuam que a renúncia tira a alegria e rouba ao homem a sua independência, elasticidade. No entanto a vida dos santos demonstra o contrário: não se viu ainda um santo triste. Procuram adaptar o evangelho à época, recomendam-se os caminhos mais fáceis para alcançar a perfeição. Falam então da doutrina do muito amável Francisco de Sales, do caminho de S. Teresinha e mostram assim que não compreenderam de modo nenhum a vida e a doutrina destes dois santos. Com esta compreensão falsa da renúncia entram as jovens no convento e ainda com preconceitos contra a piedade que aí reina. O pior é que, no lar, não aprenderam a renunciar-se livremente, por motivos religiosos, de onde vem em grande parte a falta de compreensão de nossa futura geração para a doutrina de Nosso Senhor e necessidade da renúncia de cada dia. Como na família não foi aproveitado o momento certo para a formação religiosa, hoje, nos noviciados, as resistências contra a abnegação, a mortificação são maiores do que antigamente. Não se deve por isso perder a coragem, desanimar, mas recobrar o perdido com prudência e paciência.

### c) Obediência, humildade.

Hoje em dia as nações escolhem como regimem de seu govêrno a democracia. Todos querem governar, todos querem mandar. A obediência, no entender dos mundanos, é indigna do homem, desarrazoada, absurda. Mesmo a obediência religiosa atravessa uma fase das mais críticas, porque o conceito natural da autoridade cedeu lugar a uma excessiva presunção, impondo-se aos que mandam uma conduta moral exemplar, ordens funda-

das, o que dá a nota da soberba de nosso tempo. Falta o conceito sobrenatural da vida religiosa e muitos só obedecem por exclusiva necessidade, sem a "perfeita liberdade de espírito", sem a nobre disposição de alma, que eleva acima das coisas e dos acontecimentos, proporcionando profunda tranquilidade.

A obediência deve unir os diversos membros da família religiosa entre si e a cabeça, tornando assim terrível aos inimigos de Deus a Igreja Militante, de que são membros eminentes, "como um exército formado em batalha" (Cant. 6,3,9). Ninguém pode conceber a vida religiosa sem a obediência. Aquêlê que não tem compreensão de uma humilde sujeição e entrega desinteressada a um grande fim comum, que acha que tôda restrição a seus desejos pessoais no interêsse do trabalho em colaboração é uma violação intolerável da liberdade pessoal, que só sabe obedecer aos superiores maiores, não cede às determinações de outros — não tem vocação religiosa. Quem tudo sabe melhor, quem sempre critica e resmungua, quem se mostra descontente com tudo e de antemão vai contra as ordens dos superiores por uma atitude de recusa — não serve para a vida religiosa. Quem não mostra consideração para com todos os demais de sua convivência, deseja sempre sobressair, manter a palavra, mandar, é inclinado à intriga — não é chamado para a vida religiosa. Tais caracteres devem ser afastados, porque esta insubordinação, insubmissão e espírito de revolta estão como que no sangue e não há esperança de emenda. A vida em comunidade se torna mesmo a cruz de que fala São João Berchmanns, quando deveria ser o nosso paraíso na terra. Se a mestra não conseguir, apesar de muita paciência e cuidados, formar a noviça para esta vida em verdadeira comunidade, terá logo prova de que se trata de um membro não chamado para a vida religiosa. Do contrário, mais tarde a Congregação sofrerá amargas desilusões.

E quais as causas do espírito da desobediência? Poderíamos citar: mentalidade estreita, presunção, rigidez. E' necessário combater insistentemente tal mentalidade, livrar-se da demasiada estima própria, aceitar um conselho, mostrar compreensão para a opinião alheia, condescender com o modo de pensar do próximo, quando isto fôr razoável. A obediência deve moderar o zêlo tempestuoso de um e estimular a fraqueza e indolência de outros, determinar a cada um o seu lugar e tarefa e todos devem obedecer sem resistência. Cada um deve ver nas ordens dos superiores a vontade do único e verdadeiro Superior Jesus Cristo, Nosso Senhor, "que por nós foi obediente até à morte" (Fil. 2,8).

A luz da fé, a obediência é algo de natural para o discípulo de Cristo. A humilde submissão com o espírito de fé, que a autoridade foi imposta

por Cristo — sinal da verdadeira religiosa. Não foi em vão que Jesus disse: "Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração" (Mt. 11,29). Certamente deve ser a humildade de uma religiosa forte como a do Mestre. Nem tôda humilhação é boa, e nem tôda exaltação é má. Nem tôda humilhação é verdadeira humildade, nem tôda exaltação orgulho. Há humildade mais por fraqueza do que por virtude. Tudo depende da intenção interior. Cristo fala enèrgicamente com os fariseus, herodianos, escribas, mas une a esta grande dignidade, que infunde admiração até a seus adversários, uma mansidão condescendente e bondade para os que são de boa vontade. Assim, a dignidade de uma religiosa também pode estar unida à verdadeira humildade e mansidão, mas nunca com arrogância e orgulho. São sérios os problemas da obediência na época em que em casa mandam os filhos e obedecem os pais. Trabalho difícil da mestra, que deseja ensinar sua tutelada a imitar a vida de Jesus, o Eterno obediente do Sacerário.

### III. PROBLEMAS DOS PRIMEIROS ANOS APÓS O NOVICIADO

#### a) Continuação da formação.

Este problema tem sido debatido últimamente com muita insistência em nossos Congressos e reuniões. Prova de que há necessidade de continuar a formação da jóvem religiosa que deixa o "ninho quente do noviciado" e se vê logo num ambiente diverso do que até então a protegia.

Com o noviciado não está terminada a formação religiosa da Irmã. Necessita de uma continuação, de um aditamento. Esta formação é de máxima importância, talvez maior do que foi dada durante o noviciado. O cuidado com a alma da juniorista deve ter a primazia entre todos os outros interesses, seja de aquisição de um diploma, ou de qualquer outra formação para atividades futuras.

Muitas vèzes se dá bastante estima a êste trabalho, quer por experiência, quer por inadvertência, mais ainda, por acúmulo de trabalho da vida cotidiana. Julga-se que o noviciado deu o último retoque à formação da jóvem professa. Depois aparecem as desilusões. As Superiores não sabem o que dizer de tanta perplexidade, desânimo, falta de jeito, irresponsabilidade da Irmã que lhes foi enviada para **ajudar** nas tarefas da casa; começa a pobre Provincial a receber cartas que lhe amarguram o coração. Ou também tais Irmãzinhas se mostram independentes, querem corrigir tudo, criticar, porque sabem tudo melhor. A Superiora fica mesmo desiludida com o suposto auxílio para suas múltiplas tarefas.

**b) Observar.**

A Congregação tem a obrigação, responsabilidade de preservar as vocações, dirigir-las no caminho da perfeição que a Divina Vontade determinou. Cabe isto às mestras espirituais, às superiores, de quem não é o trabalho principal a administração da casa, mas o bem estar de cada uma de suas Irmãs. Observe ela a sua nova Irmã, como procede na comunidade, na oração, no cumprimento de seus deveres, pois, no princípio facilmente corrigirá as falhas nascentes, que vão despontando, e aplique as medidas exigidas. As vocações que a Divina Providência envia a cada Congregação são o que elas têm de mais precioso. Nenhum cuidado em seu favor é demasiado. Ai de quem dobrar, deixar perder-se uma vocação por negligência ou esquecimento dos deveres da vocação. Mas também é grave obrigação afastar as que não são chamadas. Dáí obedeçamos às exortações do S. Padre Pio XI, quando disse, em 1938, após o Capítulo Geral dos Capuchinhos em audiência: "Antes de os abençoar, quero ainda dizer-lhes uma coisa que muito me interessa, que sempre repito aos Superiores de Ordens Religiosas. É uma palavra paternal, só pronunciada para o bem dos Religiosos: "Deveis ser severos".

Coloquemos todos os problemas, questões, cuidados com as vocações que Deus enviar às nossas comunidades, nossos trabalhos e esforços em seu favor dentro do Coração maternal de Nossa Senhora. Que ela nos envie muitas e santas vocações. Que ela nos suplique também a graça de reconhecer, compreender este grande dom, e que nossas Congregações sempre ponham todo o seu empenho na formação, conservação e consolidação de seus membros.

Alcance a boa Mãe a graça da perseverança a todas que a Divina Providência determinou para as nossas Congregações e nenhuma que foi verdadeiramente chamada se mostre surda à voz do Mestre.

# A PREPARAÇÃO DA MISSÃO GERAL DE RECIFE

*Pe. Tiago G. Cloin C.Ss.R.*

Diretor do Departamento

O maior acontecimento dêste ano, no terreno das SS. Missões, é, sem dúvida alguma, a Missão geral na capital pernambucana, de 31 de agosto a 15 de novembro. Nesta época está se pregando a Boa Nova em 140 lugares, não contando as 13 missõezinhas de 3 dias para militares e 12 missões para doentes. Participam nesta campanha missionária 6 Ordens e Congregações, constituindo uma equipe de 61 Missionários, distribuídos do modo seguinte: 2 Capuchinhos, 3 Lazaristas, 3 Carmelitas, 6 Franciscanos, 6 Claretianos, 4 Redentoristas da Vice-Província de Garanhuns — PE, 17 da Província do Rio de Janeiro e 20 da Província de São Paulo.

Para garantir o bom êxito desta importantíssima Missão era indispensável uma intensa e adequada preparação, aproveitando todos os meios modernos de apostolado e divulgação. Traçamos aqui as grandes linhas do plano de campanha dêste movimento em grande estilo, cuidadosamente preparado.

## **I — A direção.**

O apostólico Arcebispo de Olinda - Recife, Dom Antônio de Almeida Morais Júnior, não apenas teve nas mãos a imediata direção da preparação, mas ainda tomou pessoalmente parte na execução do plano de ação. Por uma breve mas substancial carta pastoral solicitou o clero, os religiosos e os fiéis em geral para uma campanha de orações e sacrifícios e para um intenso apostolado missionário em todos os bairros da populosa capital. Em rápida visita pastoral percorreu as paróquias da cidade metropolitana, despertando pela sua eloquente palavra interesse, colaboração e entusiasmo pelas SS. Missões e conseguindo do comércio e indústria locais valiosas contribuições de toda a espécie.

Com grande antecedência foi nomeado por Sua Excia. chefe geral da Missão o Revmo. Pe. Clemente Tresoor CssR, da Vice-Província de Garanhuns, para realizar os entendimentos com os Srs. Vigários, estudar com êles a situação demográfica das paróquias, escolher os lugares onde, além das Matrizes, a Missão havia de ser pregada, tratar com as Ordens e Congregações sobre o número de Missionários, determinar as etapas da Missão, distribuir as equipes missionárias e marcar-lhes o horário.

Desde o mês de junho estava o Palácio arquiiepiscopal funcionando como verdadeiro quartel general, quando aí se instalou o Revmo. Pe. Joaquim Lisboa de Carvalho CssR, da Província do Rio, encarregado de movimentar por uma sistemática propaganda a cidade de Recife. Suas recentes experiências nas Missões de Santa Rita do Sapucaí em Sul de Minas, e de São João de Meriti e Duque de Caxias no Estado do Rio, o tinham preparado de modo particular para esta árdua tarefa. Em estreito entendimento com o Departamento das SS. Missões elaborou um plano para cuja realização a Secção Estadual de Recife, sob a presidência do Revmo. Pe. Eduardo Roque Bassil CM, deu a mais ampla colaboração. Tanto o chefe geral como o dirigente da preparação de Missão trataram na reunião das Religiosas o papel a ser desempenhado por elas na campanha missionária, explicando-lhes os métodos de criar, através de suas obras, um verdadeiro clima de Missão e distribuindo-lhes as diferentes atividades.

## II — O plano de ação.

Manifestou-se necessária uma preparação em dois níveis: uma preparação comum, abrangendo a cidade como tal, e outra especial, adaptada a cada paróquia em particular.

1 — O plano comum envolvia em primeiro lugar uma campanha de propaganda através da imprensa e rádio, e de faixas, cartazes e folhetos.

Quatro grandes jornais de Recife abriram suas colunas para a propaganda da Missão geral, destacando-se o "Diário Pernambucano" e o "Jornal do Comércio", que publicaram uma entrevista respectivamente com os Pes. Carvalho e Clemente, reservando o primeiro diariamente uma rubrica para as Missões. Igualmente a Revista "A Capital", fundada no mês de julho pp., publicou uma entrevista.

Também as quatro estações locais de rádio colaboraram intensamente. A mais poderosa, a Rádio "O Jornal do Comércio", irradiava nas Terças e Quintas Feiras e nos Sábados, na hora do jantar, uma palestra

do Pe. Carvalho, sobre as Missões. Foram gravadas 13 palestras e vários cânticos de Missão para serem transmitidos, alguns diariamente. Pequenos dizeres sobre as Missões, de um a dois minutos, se irradiavam no intervalo dos programas comuns.

Foram colocados, com grande antecedência, 3.000 impressionantes cartazes, em três côres, do Departamento das Missões. No dia de São Cristovão, aos 25 de julho, antes da procissão dos carros, pregaram-se pequenos cartazes em, mais ou menos, 800 carros. Mais 9.000 do mesmo tipo foram pregados em carros e ônibus. Nesta altura deu-se um incidente desagradável. Os cartazes foram quase todos arrancados. Há fundamento para suspeitar que foram os Protestantes que sabotavam a propaganda. Porém, a comissão dos propagandistas não desanimou e tomou outras providências. Solicitou os Vigários a pedirem oficialmente licença dos proprietários das empresas de ônibus para colocar os cartazes e a organizarem equipes responsáveis pelos cartazes nos carros. 15 dias antes da Missão foram pregados 20.000 novos cartazes, também em bondes e vitrinas.

Também o folheto volante foi empregado em grande escala. 80.000 foram atirados por avião sobre a cidade e as crianças das escolas levaram um folheto especial para suas casas, convidando os pais a participarem nas SS. Missões. 100.000 exemplares da oração pela Missão foram distribuídos.

Entrementes estavam 18 casas de Religiosas trabalhando na confecção de 300 grandes faixas, para as quais se tinha conseguido, particularmente pela atuação pessoal do Arcebispo, das fábricas locais uns 2.000 metros de pano. De 14 para 15 de agosto as faixas foram extendidas, de 1.000 em 1.000 metros, pelas 80 mais importantes ruas da cidade. Além disto encarregaram-se as paróquias de preparar faixas próprias.

O mais poderoso meio, porém, para preparar a Missão foi o "Terço Missionário". Diariamente foi êle irradiado pela Rádio "Tamandaré", cada dia de uma residência diferente, precedido por uma palestra de 5 minutos pelo Pe. Carvalho. O povo foi convidado por todos os meios de divulgação para participar nêle e colocar na porta de suas casas um cartaz particular, anunciando que naquela casa se rezava diariamente o "Terço missionário". O movimento tornou-se uma verdadeira cruzada. Centenas e centenas de famílias em cada paróquia aderiram à campanha do terço, chegando do interior do estado e até dos estados vizinhos, como Sergipe e Alagoas, protestos de solidariedade. Ainda antes das Missões notaram-se numerosas conversões de pessoas que estavam totalmente afastadas da Igreja e acompanhavam agora, cada tarde, o "Terço missionário". O

êxito espetacular desta cruzada datou principalmente do momento quando as Religiosas lançaram suas alunas na campanha por uma maior penetração do terço nos lares, encarregando-se as próprias crianças de fazerem os mencionados cartazes para suas casas.

Valiosíssimos serviços à preparação das SS. Missões prestaram, finalmente, as equipes de missionárias. As Missionárias de Jesus Crucificado, aliás por sua vocação específica, estavam na frente. Colaboram ainda 22 Irmãs de várias Congregações que, com uma equipe de alunas, conseguiram reservar algumas horas por semana para o apostolado domiciliar.

2 — Além desta preparação geral, para a cidade toda, desenvolveu-se progressivamente, uma preparação particular nas diversas paróquias. Consistia ela em um tríduo para as associações religiosas e a Ação Católica, sobre o apostolado leigo, pregado pelo Pe. Clemente ou Pe. Carvalho, com o objetivo de incentivar o espírito apostólico dos fiéis e particularmente de descobrir os elementos leigos que queriam tomar responsabilidades concretas na preparação da Missão na paróquia e de organizá-los em comissões especializadas. Aos domingos, a Missa principal, com sermão do Missionário, era irradiada pela Rádio "Tamandaré". Constituíam-se comissões de propaganda paroquial para promover o "terço missionário" nas famílias, conseguir a colaboração da diretoria das escolas, colégios, orfanatos, hospitais etc., preparar programas especiais de rádio e imprensa, organizar procissões nas ruas com oração do terço e alocação de um leigo, para o apostolado junto aos doentes, promover a participação dos intelectuais na Missão, preparar a legitimação de casamentos etc. As comissões recebiam por escrito seus programas pormenorizados e reuniam-se, periodicamente, sob a presidência do Vigário, para controlar, por uma "revisão de vida", o desenvolvimento e eficiência da preparação.

A atividade destas comissões de leigos surpreendeu os próprios chefes da preparação. Patenteou-se que o elemento leigo continua em geral inativo e inerte, não por falta de espírito apostólico, senão por falta de direção concreta. Surgiu uma verdadeira emulação nas paróquias. Em alguns lugares inspiraram as incumbências, deixadas por escrito, a comissão paroquial para novas e inesperadas iniciativas. A Comissão para as fábricas, na paróquia de Afogados, constatando a dificuldade para se reunirem os operários, conseguiu um grande filme, "Tortura do Silêncio", que foi exibido, gratuitamente, para os operários, falando-lhes, por esta ocasião, o Exmo. Sr. Arcebispo e o Pe. Carvalho.

Outra iniciativa fecunda foi a da "Cruzada de Educadoras católicas". Numa de suas reuniões surgiu a idéia de um concurso de grandes

cartazes para grupos escolares, feitos pelos próprios alunos. Os melhores cartazes de cada grupo foram expostos no "Círculo Católico", sendo a exposição, que despertou notável interesse dos pais, inaugurada aos 27 de agosto, pelo próprio Arcebispo. Os 10 melhores cartazes serão premiados.

A capital pernambucana começou, aos poucos, a movimentar-se, alcançando, progressivamente, uma verdadeira efervescência. Em toda parte falava-se na Missão. Vigários, inicialmente céticos a respeito do êxito da preparação, testemunharam: "Eu pensava que a Missão era uma coisa apagada; agora estou vendo que é um movimento gigantesco".

Aos 31 de agosto terminou a primeira etapa da grande batalha de Recife pela entrada triunfal da Padroeira das SS. Missões, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que foi conduzida em um andor gigante, montado em caminhão, pelas ruas da capital, acompanhada de diversos carros alegóricos sobre a história das Missões no Brasil e de centenas de automóveis, iniciando-se a segunda etapa, a própria pregação da Missão, pela entrega dos crucifixos à falange de 61 Missionários.

A preparação da Missão foi um inegável sucesso, conseguindo criar o desejado clima de Missão, melhor garantia para uma recepção profícua da pregação da Boa Nova. Queira Deus que, pelas orações e sacrifícios de todos os Religiosos do Brasil, fecundando os abnegados esforços dos lutadores no campo de batalha de Recife — clero, Missionários, Religiosas e apóstolos leigos — a preparação, em grande estilo, desta importantíssima Missão, que, no momento, já está em pleno desenvolvimento, renda o cêntuplo.

# QUESTÕES MÉDICO-MORAIS

*Pe. Frei Rafael O. F. M. Cap. de União*

Por ocasião do II Congresso dos Religiosos do Brasil, realizado em São Paulo, uma das sessões de estudos propugnava a necessidade de uma orientação segura sôbre a liceidade ou iliceidade de várias questões médico-morais.

Orientação segura, não sòmente para os indivíduos católicos e Irmãs Enfermeiras etc., como também para as famílias em geral.

E' o que nós, com o auxílio de Deus, vamos realizar, por intermédio da Revista dos Religiosos do Brasil. O nosso trabalho não será um tratado, mas uma sùmula que contenha os princípios fundamentais das questões mais ventiladas no campo médico-moral.

## I

### N A R C Ó T I C O S

#### I — Noções.

Além do vinho e de outros licores inebriantes, que causam o entorpecimento dos sentidos e até mesmo a temporânea privação do uso da razão, em nossos dias se torna comum o emprêgo de **morfina**, **ópio**, **cocaína**, **clorofórmio**, etc., seja por via oral, seja por injeções sub-cutâneas, seja pela respiração. Ordinariamente se dirigem a êstes fins: a) suavizar grandes dôres ao doente; b) para maior segurança de operações cirúrgicas, anestesiando assim o enfêrmo para lhe não fazer sentir as dôres da operação ou para se obter que fique tranquilo durante a intervenção cirúrgica.

Não se exclui, porém, que êstes meios sejam empregados **abusivamente** para se obter um certo estado de ebriedade.

## II — Moralidade.

O uso dêstes narcóticos, quando se empregam **como remédio (per modum medicinae)**, é manifestamente **lícito**.

Para justificar, porém, a liceidade é necessário que, seja pela prescrição do médico, seja também, por própria iniciativa, se recebam em tão moderada quantidade, que outro efeito não produzam que a restauração das forças e a distensão dos nervos. Neste caso, tornam-se um eficiente remédio para a saúde e o vigor do corpo (1).

2 — O uso dos narcóticos, embora moderado, unicamente para a satisfação dos sentidos, é **ilícito** (ao menos sob pecado venial).

A razão é, porque êstes narcóticos, especialmente a morfina, quando repetidos, induzem ao hábito e levam mesmo à **morfomania**, muito perniciosa para a saúde (2).

3 — O uso imoderado é frequente dêstes entorpecentes, se acarreta notável detrimento para a saúde e para a vida, é **gravemente ilícito** sob pecado mortal.

4 — O uso dos narcóticos, que produza o entorpecimento total dos sentidos e a privação do uso da razão: **sem justa causa** é grave pecado; **com justa e proporcionada causa** e com as devidas cautelas para que se evite o perigo próximo de morte, pode tornar-se **lícito**, por exemplo: usar a morfina ou o clorofórmio para que o doente possa suportar a operação ou diminuir-lhe as dores, etc. Nêste caso, o efeito dos narcóticos seria temporâneo; não haveria, portanto, a eutanásia.

5 — A pergunta: é lícito em artigo de morte ministrar ao doente algum narcótico, para que termine a sua vida com tranquilidade e sem a percepção das dores? Respondemos:

a) se com o emprêgo do entorpecimento se obtém **somente** a mitigação das dores e não se tolhe o uso da razão, seria **lícito** ministrar o narcótico aos moribundos, como se permite aos simples enfermos;

(1) Cfr. FANFANI L., O. P., *Manuale Theorico-practicum Theologiae Moralís ad mentem D. Thomae*, Romae 1950, Tom. II, n.º 157 (A), p. 229; MERKELBACH B. H., *Summa Theologiae Moralís*, Tom. II, n.º 989, p. 925.

(2) Cfr. ANTONELLI L., *Medicina Pastoralis*, vol. II, cap. VII, *De usu et abusu morphinae et coccaínae*, n.º 129, p. 104: "Quum a simplici usu rationali ad abusum sit gressus, tunc venit necessitas quaedam iniectiones frequentissime renovandi, sive causa dolores sedandi, sive.

b) se, porém, com o emprêgo do narcótico, se elimina completamente o uso da razão **durante todo o tempo da agonia**, a sentença mais comum propugna a iliceidade, embora o moribundo estivesse bem preparado espiritualmente. A razão é, porque a privação do uso da razão até a morte, importaria uma abreviação da vida espiritual, o que não é permitido, pois, o uso da razão pode ser de máxima utilidade ao moribundo espiritualmente disposto, para a aquisição de maiores e preciosos méritos com os seus atos de fé, de amor, de paciência, de resignação, etc., o que lhe aumenta por certo a sua glória lá no céu (1).

---

sive fruendi physicis voluptatibus, quas secumfert; tunc **morphinomania** obtinet, quae considerari potest mania quaedam morphinae".

A' página 106: "In hac specie maniae, **exempla, consilia et lectiones** de re morphinica plurimos ad abusum impulere; nonnulli libri speciales, qui popularem medicinam tradere autumant, bonam actionem morphinica adeo extollunt, ut lectores, qui absque experientia vel nimis imbecilles vel ingenui sunt, ad illam experiendam, iniectiones adhibeant, primo, dein frequentius, donec magna oritur necessitas eas renovandi, ex quo morphinomania statim oritur. Hoc ipsum sequitur ex nonnullis **romanticis** libris, in quibus, post scenarum contextum et evolutionis speciositatem, effectus morphinici item nimis extolluntur".

(1) Cfr. FANANI, o. c. Tom. III, n.º 157, p. 229.

# O INSTITUTO MISSÕES DA CONSOLATA

*Pe. Mário Chiabrera*

## **Fundação**

**Os Missionários** — “Com profunda alegria de coração do que era para Nós grande desejo, a fundação de uma nova Obra para a Evangelização dos infiéis, cujos inícios e relativas finalidades Nos tinham sido apresentadas pelo diletíssimo Nosso, em Jesus Cristo, Revmo. Cônego José Alamano... Desejosos de promover e confirmar com a Nossa autoridade tudo o que pode concorrer para a glória de Deus, o incremento da nossa santa Religião, a salvação das almas, em honra e brilho da Nossa diletíssima Cidade e Arquidiocese, de todo coração aprovamos esta nova Obra que se denomina “Instituto da Consolata para as Missões estrangeiras” e com o presente Decreto concedemos a ereção canônica”.

Turim, 20 de janeiro de 1901.

**Agostinho, Card. Arcebispo”.**

Com êsse decreto da Autoridade Arquidiocesana encerrava-se um longo período de estudos e de tentativas para a fundação de um novo Instituto religioso, dedicado exclusivamente à evangelização dos infiéis.

Sempre vivo fôra o espírito missionário na Arquidiocese de Turim, graças sobretudo aos vários Diretores da Propagação da Fé, os quais souberam despertar fervor missionário e vocações missionárias, especialmente nos seminários. Tratava-se, porém, de vocações isoladas de seminaristas e jovens sacerdotes que, infelizmente, nem sempre chegavam à realização desejada, quer pelas dificuldades de preparação adequada, quer pela falta de contato com os Bispos missionários.

O Servo de Deus José Allamano que, desde os anos de seminário, acalentara o desejo de dedicar-se às Missões e tivera de desistir pela débil saúde e pelos conselhos dos seus superiores, guardou na alma o espírito da vocação missionária.

Nomeado Diretor Espiritual do Seminário e, mais tarde, Reitor do "Convitto Eclesiástico", destinado à formação dos sacerdotes recém-ordenados, dedicou-se a inculcar nos seminaristas e jovens sacerdotes o zelo para a dilatação do Reino de Deus e a promover auxílios em favor das Missões, enquanto ia amadurecendo em seu coração o projeto de uma instituição, destinada às Missões entre os infieis.

Em 1885, o Servo de Deus apresentou ao Episcopado da Província Eclesiástica do Piemonte o primeiro projeto: reunir num estabelecimento particular os sacerdotes aspirantes às Missões e, depois de convenientemente preparados, colocá-los à disposição da S. C. de Propaganda Fide a fim de serem enviados para as Missões, a critério da mesma S. Congregação. Mas a idéia não teve êxito, pela oposição de alguns Bispos, temerosos de perder membros do clero diocesano já escasso.

Não esmoreceu, por isso, o Servo de Deus. Em 1891, o Fundador consultou, em forma confidencial, o Cardeal Prefeito de Propaganda Fide sobre a conveniência da fundação de um Instituto independente, com Superiores e Missões próprias. Embora a S. Congregação manifestasse o seu vivo agrado, aprovando a idéia da nova fundação, nem desta vez foi possível levar a efeito a realização da projetada Sociedade, pela morte do então Arcebispo de Turim e do Cardeal Prefeito de Propaganda.

Deus, porém, que inspirara a idéia, dirigia os acontecimentos e as pessoas para chegar-se à concretização do Instituto.

A trasladação, para a Arquidiocese de Turim do Card. Agostinho Richelmy, colega de seminário e sincero admirador das virtudes de Allamano; a inesperada doação de duas casas, futura sede do Instituto, e o casual encontro do Servo de Deus com um Missionário, o futuro Card. João Bonzano, deram ao Fundador a necessária proteção, os meios e a forma definitiva da almejada fundação.

Superados os obstáculos, desaparecidas as dúvidas, quando tudo estava pronto para dar início ao empreendimento, Deus permitiu a última prova. As obras de Deus têm seus alicerces no duro terreno das dificuldades e dos sofrimentos físicos e morais. Allamano adoeceu gravemente e os médicos consideraram o caso desesperador.

O Card. Arcebispo, visitando o enfermo, perguntou-lhe: "Então, e a fundação do Instituto?" — "Outro cuidará dela", foi a simples resposta do Servo de Deus. "Não, não, — retrucou o Cardeal — tu não morrerás. O Instituto deve ser fundado e tu mesmo o fundarás".

Um verdadeiro plebiscito congregou a Cidade inteira, milhares e milhares de pessoas se revezaram diante do Altar da SS. Virgem Consolata

no seu Santuário, em tôdas as Comunidades religiosas e em muitas paróquias foi exposto solenemente o SS. Sacramento, realizando-se Horas Santas públicas, pedindo-se a Deus, pela intercessão da Virgem Consoladora, o restabelecimento da saúde do venerado enfêrmo. Na manhã do terceiro dia da doença, 28 de janeiro de 1900, o Vice-Reitor do Santuário, num altar erigido à vista do doente, celebrou a santa Missa e no momento em que pronunciava as palavras do Ofertório: "Non moriar sed vivam et narabo opera Domini", o Servo de Deus, saindo do letargo mortal, repetiu as palavras do celebrante, para recair logo na inconsciência da agonia, que durou ainda até o amanhecer do dia seguinte, quando os médicos admirados constatarem o repentino e perfeito restabelecimento do enfêrmo. Milagre? Assim julgaram médicos e amigos. Os desígnios de Deus seguem caminhos que os homens desconhecem, mas que devem aceitar no reconhecimento da Providência Divina. Anos mais tarde, o Fundador mesmo, falando aos alunos Missionários, dirá: "Não se pense em revelação: não as procuro nem as desejo. Quando estava prestes a morrer fiz a promessa de, se me restabelecesse, fundar o Instituto. Sarei e a fundação foi feita. Eis tudo". Para os santos até os fatos mais extraordinários se tornam comuns.

Era essa a última prova. Exatamente um ano depois, a 29 de janeiro de 1901, o Card. Arcebispo assinava o Decreto da Fundação do "Instituto da Consolata para as Missões Estrangeiras". O sonho se tornava realidade, uma vocação irrealizada se multiplicava em inúmeras vocações, uma nova família de apóstolos nascia na vinha do Senhor.

**As Irmãs Missionárias** — Desde o início do seu apostolado, os missionários fizeram repetidos apelos ao Fundador, para que enviasse em seu auxílio religiosas, cuja colaboração era vivamente desejada pelo bom andamento das casas, o tratamento médico, especialmente das mulheres, os orfanatos, os asilos, os colégios femininos, as escolas, os catecismos e outras atividades menores, poupando assim um tempo precioso ao missionário sacerdote.

O Servo de Deus dirigiu-se, então, ao Superior da Pequena Casa da Divina Providência, fundada por S. José Benedito Cottolengo, o qual colocou à disposição do novo Instituto as Irmãs Vicentinas. Diversos grupos de religiosas foram enviadas às Missões e "admirável foi a firmeza — assim escreverá o Fundador em 1917 — com que essas cooperadoras dos meus missionários os coadjuvaram nas dificuldades dos inícios, extraordinariamente árduos e duros, num país quase inexplorado e completamente

selvagem; admirável o ardor por elas despendido em favor dos pobres indígenas”.

O rápido progresso das Missões e o multiplicar-se das obras de apotolado exigiam cada vez, maior número de missionárias e, não podendo a Pequena Casa enfrentar ulteriores sacrifícios de pessoal, o Fundador encontrou-se a braços com um novo e urgente problema. Durante uma audiência particular com o Santo Padre Pio X, em 1909, Deus abriu a Allamano o caminho para a solução da questão. À exposição das dificuldades em conseguir religiosas em número suficiente às necessidades das Missões, o Santo Padre lhe disse: “É necessário que vós mesmo deis início a um Instituto de Irmãs Missionárias, como fundastes o dos missionários. Teríeis maior número de missionárias à vossa disposição, enquanto a uniformidade de espírito poderá contribuir para resultados ainda maiores”.

— “Santidade, já existem tantas famílias religiosas femininas!”.

— “Existem, sim, mas não exclusivamente para as Missões”.

— “Mas eu, Beatíssimo Padre, não sinto a vocação de fundar religiosas”.

— “Se não a tendes, Eu vo-la dou!”.

Animado de vivo espírito de fé, Allamano viu claramente, na palavra do Supremo Pastor, a vontade de Deus e com ânimo resolutu consagrou-se, sem demora, ao novo pesado trabalho. A 29 de janeiro de 1910 fundava o “Instituto das Irmãs Missionárias da Consolata”.

### O fundador

— José Allamano, sobrinho de S. José Cafasso, nasceu em Castelnuovo Dom Bosco, Itália, a 21 de janeiro de 1851. Terminado o curso ginasial no Oratório de Valdocco, sob a direção espiritual e pessoal de Dom Bosco, entrou no Seminário diocesano de Turim para os estudos de Filosofia e Teologia. Distinguiu-se sempre entre todos e em tudo: estudo, piedade, pureza de vida, exercício de tôdas as virtudes. Por três anos foi sacristão da Capela do Seminário: encargo destinado aos “ótimos”; no quinto ano de teologia foi nomeado Primeiro Prefeito ou Prefeito da Capela, que o constituía “o primeiro clérigo do Seminário”. Depois da Ordenação sacerdotal, por determinação do Arcebispo Metropolitano, ficou no Seminário como Primeiro Assistente e três anos mais tarde como Diretor Espiritual. A prova mais alta dos seus excepcionais dotes de educador do jovem clero consiste no fato de que todos os seminaristas por Ele assistidos chegaram à Ordenação sacerdotal; e todos os sacerdotes por Ele dirigidos

e formados foram de absoluta satisfação do próprio Bispo, exercendo o ministério com honra e agrado dos Superiores.

Em outubro de 1880, o Arcebispo de Turim o nomeou Reitor do Santuário da Consolata, cargo que ocupou durante 46 anos ininterruptos, atuando numerosas e importantes iniciativas, como a ampliação e restauração completa do Santuário. A devoção à SSma. Virgem Consolata foi o maior empenho da sua atividade de Reitor, conseguindo espalhá-la por toda parte, dentro e fora da Itália.

Em 1882, conseguiu a licença para reabertura do "Convitto Ecclesiástico", para a formação do jovem clero, em edifício anexo ao Santuário, e que dirigiu por quarenta e quatro anos, até à morte. Todo o bem por ele operado nesse setor, encontra o mais alto reconhecimento na palavra do Santo Padre Pio XI, o qual, por ocasião do Jubileu Sacerdotal do Servo de Deus, enviava-lhe um precioso autógrafo, em que se lê:

"... Desde o tempo em que como Reitor da Basílica da Consolata, assumiste a direção do Convitto Ecclesiástico, é admirável quanto trabalhas-te e quanto empenho tiveste para enriquecer de doutrina e de virtude os sacerdotes que aí são formados. De maneira que às centenas se contam os sacerdotes — entre os quais Bispos e Arcebispos — que gozaram de tua formação a uma vida digna de homens eclesiásticos".

Tão importantes incumbências, cada uma das quais seria bastante para a atividade de um homem mais forte do que o Cônego Allamano, não podiam exaurir o seu zêlo. Fundados em 1901 o Instituto dos Missionários e em 1910 o das Irmãs Missionárias, dos mesmos foi Superior Geral durante a sua vida toda, consagrando-lhes o melhor de sua inteligência, do seu coração e do seu espírito. O desenvolvimento maravilhoso dessas duas instituições demonstra as largas bênçãos de Deus sobre os esforços deste piedosíssimo e humílimo Sacerdote, verdadeiro herdeiro do espírito do seu santo tio, S. José Cafasso.

Além dessas obras de maior relêvo, outras há e numerosas, objeto da incansável atividade do Servo de Deus. Anotamos simplesmente o bem por ele realizado como Superior das Irmãs de S. José e das Religiosas da Visitação; a assiduidade do seu zêlo em atender às confissões; a sua obra de conselheiro de quase todos os Bispos do Piemonte, de numerosíssimos sacerdotes e de muitíssimas pessoas de todas as classes sociais. Com razão escreveu-se que os seus dotes de conselheiro, como diretor espiritual, assumiam nêlo o caráter de uma missão especial, e divina.

Sòmente uma graça especial de Deus, a sua invicta fortaleza de servo bom e fiel e a sua ardentíssima caridade para com Deus e os homens podem

explicar a portentosa atividade do Servo de Deus José Allamano, apesar de nunca ter êle gozado de boa saúde física.

A 16 de fevereiro de 1926, depois de curta enfermidade, o Servo de Deus voava ao Céu para receber o prêmio das suas virtudes e da sua operosidade apostólica.

### Desenvolvimento do Instituto

O início do Instituto dos missionários foi muito humilde: alguns jovens sacerdotes e alguns leigos. O primeiro grupo de missionários deixou a Itália a 8 de maio de 1902, destinados a coadjuvar o Vigário Apostólico do Zanguebar Setentrional, na África Oriental Inglesa. Deu-se então um fato talvez único na história das Congregações Religiosas: todos os membros restantes abandonaram o Instituto, e o Fundador, com as chaves da casa no bôlso, foi aos pés da SS. Consolata e tranqüilamente disse: "Eis-me aqui sôzinho! Agora é a tua vez de provar que a obra não é minha, mas Tua". E a dulcíssima Patrona não perdeu tempo. Um mês mais tarde a casa se reabriu, admitindo um grupo de seminaristas e de sacerdotes. Desde aquêlê dia a obra cresceu rápida e segura.

Em poucos anos, a Santa Sé reconhecendo o trabalho eficiente dos Missionários da Consolata, concedia-lhes favores excepcionais, erigindo em Missão independente a região a êles confiada, criando poucos anos depois o primeiro Vicariato Apostólico e concendendo o "Decretum Laudis" ao Instituto (1909). Tudo em apenas sete anos de vida e de atividade.

Em 1913, foi a vez das Irmãs Missionárias, que enviaram para as Missões o primeiro grupo de treze missionárias. A primeira guerra mundial veio, infelizmente, pôr uma demora ao corajoso caminho de desenvolvimento dos Missionários e das Missionárias. Terminada a guerra, recomçados os ingressos de aspirantes, livres do serviço militar os sacerdotes e seminaristas soldados, fortaleceu-se o corpo das duas Instituições, abrindo-se novas estradas para a evangelização. Já desde 1913 a Santa Sé confiara ao Instituto novo campo de apostolado na Etiópia, ao qual o primeiro Prefeito Apostólico só pôde chegar em 1916, às escondidas, por causa das leis locais que vedavam aos missionários católicos a entrada no país. Tendo a política de após guerra proibido o retôrno de missionários alemães ao território do Tangangica, na África Oriental, a Santa Sé viu-se na contingência de confiar a missionários de outros países aquelas terras promissoras. Aos missionários da Consolata coube a incumbência de evangelisar a Prefeitura Apostólica de Iringa. A Somália e o Moçambique Por-

tuguês foram, mais tarde, os novos rumos marcados pela voz do Supremo Pastor.

Tôdas essas atividades, porém, exigiam missionários sempre mais numerosos, e a primeira casa não podia mais atender. Tornava-se necessário abrir outros centros de recrutamento de vocações, não somente na Itália, como também em outras Nações. Brasil, Portugal, Colômbia, Argentina, Estados Unidos, Canadá, Suíça, Inglaterra, União da África do Sul abriram, em poucos anos, seus braços aos Missionários e às Missionárias em busca de evangelizadores. Mas, se o fim principal da chegada dos Missionários a êsses países era e é o recrutamento de vocações, êles puseram seus serviços à disposição dos Bispos locais, de modo que, sobretudo no Brasil, Argentina e Colômbia, exercem verdadeiro apostolado missionário na Prelazia do Rio Branco, nas Terras das Missões e no Vicariato Apostólico de Florência.

Fora da Itália, o maior desenvolvimento foi alcançado, até agora, no Brasil. Desde a chegada do primeiro Missionário, o inesquecível P. João Batista Bisio, em 1937, o Instituto Missões Consolata afundou suas raízes nesta terra, que foi, e continua sendo, generosa de auxílios e de vocações. Dezoito Sacerdotes, seis Irmãos Leigos, trinta Seminaristas maiores, duzentos Seminaristas menores, mais de uma centena de Missionárias são os frutos apostólicos do entendimento espiritual existente entre o Instituto dos Missionários da Consolata e a Terra de S. Cruz.

Os Missionários e as Missionárias da Consolata, filhos da Santa Madre Igreja que, "Mãe de tôdas as nações, de todos os povos e de cada um dos homens em parte alguma é estrangeira" (Pio XII), continuarão, a serviço dessa Mãe, com "a oração, assistência e o dom de si mesmo" a trabalhar para "levar até os confins da terra o esplendor da verdade e das virtudes cristãs, juntamente com o progresso da civilização", sob a poderosíssima e materna guarda da Virgem Maria Consolata, Mãe de Deus e Rainha dos Apóstolos.

## COMUNICAÇÕES

### Curso de férias sôbre a cura de almas na atualidade.

Conforme noticiamos nesta Revista (N.º 27, pág. 569), o Departamento das SS. Missões, de 23 de janeiro a 6 de fevereiro promoverá um curso de férias sôbre problemas da cura de almas na atualidade, especialmente para Missionários, Vigários e seus Coadjuutores e Estudantes do 5.º ano (Pastoral) de Teologia.

O programa do curso é o seguinte:

#### *I — Sociologia religiosa:*

- 1) A sociologia religiosa e a cura de almas, pelo Prof. Pe. Nic. Boér, da P. U. C. de São Paulo;
- 2) A sociografia religiosa da paróquia, pelo Prof. Pe. Fernando Bastos de Ávila S. J., da P. U. C. do Rio de Janeiro.

#### *II — A organização da comunidade paroquial:*

- 1) A pesquisa social, pelo Prof. Geraldo Semenzato, da P. U. C. do Rio de Janeiro;
- 2) A organização da comunidade paroquial urbana, pelo Prof. Mancini;
- 3) A organização da comunidade paroquial rural, pelo Prof. José Artur Rios;
- 4) A integração do serviço social na pastoral paroquial, pelo Prof. Eliseu Pujol, do Instituto Superior Católico de Serviço Social do Rio de Janeiro.

#### *III — A psicologia religiosa e a cura de almas, pelo Prof. Pe. Antônio Benkö, da P. U. C. do Rio de Janeiro.*

Diariamente, exceto aos domingos, haverá três conferências, e, à noite, uma mesa redonda, dirigida por especialistas, sôbre a atualização da cura de almas em seus vários aspectos.

No próximo número publicaremos o horário exato, o local e as condições de inscrição e hospedagem.

## Do Serviço de Procuratórios.

No sentido de bem esclarecer às entidades católicas, publicamos no presente número as Leis n.º 3.167 de 3-6-57 e 3.193 de 4-7-57.

Pela Lei 3.167 de 3-6-57, o instrumento de procuração poderá ser datilografado, sendo necessário apenas o reconhecimento da firma do outorgante. Portanto os instrumentos de procuração não precisam mais ser de próprio punho. Podem ser datilografados, assinados sobre estampilhas federais (3,00 e 1,50 de Educação) com a firma devidamente reconhecida.

A Lei 3.193 dispõe claramente sobre a aplicação do Art. 31, V, letra b da Constituição Federal, que concede isenção de impôsto a templos de qualquer culto, bens e serviços de partidos políticos, instituição de educação e de assistência.

Lei N.º 3.167 — de 3 de junho de 1957 (Diário Oficial, XCVI, 127 4-6-1957)

### Modifica o artigo 1.289, Código Civil.

O Presidente da Republica:

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1.º — O art. 1.289, do Código Civil passa a ter a seguinte redação:

Art. 1.289. Todas as pessoas maiores ou emancipadas, no gozo dos direitos civis, são aptas para dar procuração mediante instrumento particular, que valerá desde que tenha a assinatura do outorgante.

§ 1.º — O instrumento particular deve conter designação do Estado, da cidade ou circunscrição civil em que fôr passado, a data, o nome do outorgante, a individualização de quem seja o outorgado e bem assim o objetivo da outorga, a natureza, a designação e extensão dos poderes conferidos.

§ 2.º — Para o ato que não exigir instrumento publico, o mandato, ainda quando por instrumento publico seja outorgado, pode substabelecer-se mediante instrumento particular.

§ 3.º — O reconhecimento da firma no instrumento particular é condição essencial à sua validade, em relação a terceiros”.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, em 3 de junho de 1957; 136.º da Independência e 69.º da Republica.

Juscelino Kubitschek  
Nereu Ramos

Lei N.º 3.193 — de 4 de julho de 1957 (Diário Oficial, XCVI, 153, 6-7-1957).

Dispõe sobre a aplicação do artigo 31, V, letra b, da Constituição Federal, que isenta de imposto templos de qualquer culto, bens e serviços de partidos políticos, instituições de educação e de assistência social.

O Presidente da República:

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1.º — A' União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios é vedado lançar imposto sobre templos de qualquer culto, bens e serviços de partidos políticos, instituições de educação e de assistência social, desde que as rendas sejam aplicadas integralmente no País para os respectivos fins (Constituição Federal, artigo 31, V, letra b).

Art. 2.º — As entidades, a que se refere o art. 1.º, juntando a prova que tiverem, deverão requerer a declaração da isenção à autoridade administrativa competente, que decidirá no prazo máximo de 30 (trinta) dias.

Parágrafo único — Enquanto não for o assunto decidido pela referida autoridade, fica suspensa qualquer cobrança administrativa ou judicial do tributo.

Art. 3.º — Se a administração indeferir o pedido, é lícito ao ministro ou encarregado do culto religioso, ou à direção do partido, assim como à instituição ou associação requerer ao Juiz competente lhes declare a isenção, para o julgamento dos feitos em que for parte a administração em causa.

§ 1.º — O requerimento, acompanhado das provas existentes ou de outras, que se fizerem mister, inclusive a testemunhal, poderá ser assinado pela parte, independente da intervenção de advogado, e mencionará o nome e a qualidade do ministro ou entidade em causa, fins e razões da isenção e pedirá a citação do Poder Público interessado.

§ 2.º — Recebendo o requerimento, o Juiz determinará a citação e se houver protesto por depoimento de testemunhas, marcará dia e hora para sua realização, não podendo demorar mais de 10 (dez) dias.

§ 3.º — Terminada a fase de prova, as partes terão, em comum, o prazo de 48 (quarenta e oito) horas para alegações, findo o qual, os autos serão enviados ao Juiz que decidirá em 5 (cinco) dias. Se for declarada a isenção, o Juiz expedirá imediatamente o mandato contra a administração interessada.

Art. 4.º — Do despacho do Juiz caberá agravo do instrumento para o Tribunal Superior, na forma do processo comum.

Art. 5.º — O processo correrá na primeira instância sem pagamento de custas.

Art. 6.º — O despacho que reconhecer a isenção fará coisa julgada; o que negar não impedirá a discussão do assunto no executivo fiscal ou outra ação.

Art. 7.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 4 de julho de 1957, 136.º da Independência e 69.º da da República.

Juscelino Kubitschek  
Nereu Ramos  
José Maria Alkmin  
Clovis Salgado

# CRÔNICAS

## **Semana de Estudo das Religiosas Educadoras da França**

A União das Religiosas Educadoras da França (U. R. E.) realizou no mês de julho passado, de 6 a 9, quatro dias de estudo para as Professôras Religiosas daquela Nação, sôbre o tema "A educação da caridade para com o próximo".

Este tema é a continuação dos já estudados pela U. R. E. nos últimos anos: "O Ministério da Igreja" em 1951, "Vida Sacramental" em 1952, "Comunidade e Liturgia" em 1955, "Educação da liberdade" em 1956. A caridade é a alma da vida eclesiástica e litúrgica, e é no amor a Deus e a seus irmãos que o homem encontra o completamento de sua liberdade.

Os temas, distribuídos em quatro dias, visaram estabelecer as bases teológicas da caridade fraterna, determinar os aspectos psicológicos de seu desenvolvimento na alma da criança e indicar alguns princípios duma catequese da caridade.

Os estudos em mesa redonda foram consagrados a problemas mais concretos, qual a educação da caridade através da estrutura escolar: métodos de trabalho, vida em equipe, diversões, obras de caridade, etc.

Notamos, entre os relatores das teses, os Pes. Danielou, Bigo e Laplace S. J., Abbé Lochet, Pes. Liégé e Louvel O. P., P. Saudreau P. S. S., Madre Odile Marie, Cônega Regular de Sto. Agostinho. Os encontros foram concluídos com uma Missa Pontifical, na tarde do último dia.

## **24.º Congresso Nacional de Religiosas na França**

Também na França, em Paris, a União das Religiosas de Congregações de ação hospitalar e social (U. N. C. A. H. S.) realizou seu 24.º Congresso Nacional, de 13 a 18 de junho. Os estudos foram dedicados a problemas doutrinários, sanitários e de especialização.

O dia 13 foi consagrado a vários encontros entre as delegações diocesanas, presididos por S. Excia. Mons. Lacointe; foram estudadas várias questões de caráter nacional e internacional, métodos de trabalho da UNCAHS e a atuação das Religiosas sobre as fórmulas atuais de apostolado.

O dia 14 foi dedicado às sessões especializadas: para as Religiosas das casas de infância (O que sentem os outros: deficiências e desvios, aspectos psicológicos e perspectivas de educação, etc.); para as Religiosas assistentes a domicílio (A assistência a domicílio no meio urbano e rural: responsabilidade da religiosa enfermeira, sob o ponto de vista técnico e profissional e sob o da moral e do apostolado, troca de idéias, aspecto apostólico); para as Religiosas que se ocupam da velhice (Relatório de uma enquete, legislação em favor da velhice, perspectivas para o futuro, a velhice à luz da fé); para Religiosas que trabalham em Casas de saúde e preventórios (Passado e futuro da casa de saúde, experiências de readaptação realizadas, ação da Religiosa na casa de saúde, influência humana e espiritual sobre os doentes); para Religiosas de hospitais e clínicas (Formas atuais e futuras da hospitalização, estatutos jurídicos, auxiliares de assistência, problemas de horário, necessidades essenciais do doente e harmonia da equipe do hospital).

Estudos doutrinários foram realizados nos dias 15 e 16, sobre o tema geral: "A vida religiosa e o mundo" (Uma atitude realista do conhecimento do mundo, conhecimento das aspirações do mundo moderno, o constante pensamento da Igreja a respeito do mundo, as conseqüências em nossos contatos e em nós mesmos). Estas sessões foram realizadas sob a presidência de honra de S. Emcia. o Card. Feltrin, Arcebispo de Paris, e os temas tratados por relatores de grande renome, como o Abbé Becaud, do Seminário Maior de Francheville, M. Bouchat, P. S. S. do Seminário de São Sulpício, Abbé Brien e Pe. Danielou S. J., do Instituto Católico de Paris, S. Excia. Mons. Garrone, Arcebispo de Tolosa. Na tarde do dia 16 foi realizada a Assembléia Geral da U. N. C. A. H. S.

Estudos sanitários para tôdas as Religiosas enfermeiras, apresentados por médicos de grandes hospitais daquela capital, tiveram lugar nos dias 17 e 18. O Pe. Lestapis S. J. falou sobre como apresentar, em nosso meio de apostolado, as exigências da fé cristã em matéria do controle de nascimento; outros temas: "Aleitamento maternal e mixto" (Dr. Levesque), "Necessidade de hospitalização da velhice" (Dr. Magdelaine), "O adolescente, desenvolvimento psicológico e higiene" (Dr. Lyard), "atualidades médicas", "Orientações práticas sobre constipação", etc.

A participação das Autoridades eclesiásticas, do Card. Feltin aos vários Arcebispos e Bispos que estiveram presentes em tôdas as sessões, foi completa. Os frutos colhidos pela UNCAHS, que desde muitos anos organizou e uniu as religiosas de assistência à saúde e social, foram imensos, pelo que a associação merece os maiores elogios por quanto realizou e quanto ainda se propõe realizar.

### Curso para Religiosas no Rio.

Conforme fôra noticiado realizou-se, de 15 a 20 de julho p.p., o curso de aperfeiçoamento para Religiosas que lecionam em cursos maternos e jardins da infância.

Inscreveram-se 115 Religiosas, das seguintes Congregações: Irmãs de S. José, Terceiras Capuchinhas, Divina Providência, Servas do Menino Jesus, Imaculado Coração de Maria, Filhas de S. Vicente de Paulo, Missionárias de Jesus Crucificado, Filhas do Coração de Maria, Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia, Zeladoras do Sagrado Coração de Jesus, Servas de Jesus Sacerdote, Santa Dorotéia, Divino Salvador, Companhia Santa Teresa, Franciscanas do Sagrado Coração de Jesus, Cônegas de Santo Agostinho, Servas de Maria, Dominicanas, Concepcionistas do Ensino, Ursulinas, Santa Marcelina, Notre Dame de Sion, Companhia de Maria, Beneditinas, Assunção, Santos Anjos, Sacré Coeur de Marie, Servas da Santíssima Trindade.

Foi grande a animação tanto nas aulas teóricas como nas práticas de recreação e jogos, musicalização e trabalhos manuais.

Presidiu a sessão de encerramento, o R. P. Alonso, Presidente da A.E.C. do Brasil, sob cuja égide foi iniciado o movimento de educação da primeira infância, ao se fundar o Comitê Nacional Brasileiro da OMEP.

As Religiosas que tomaram parte no curso compreenderam a necessidade de aprimorarem os seus Jardins de Infância, a fim de fazer frente a outras correntes. Compreenderam, também, a importância de fundarem suas Associações pré-primárias, para integrarem o Comitê Nacional da OMEP. Em breve ser-lhes-ão mandados modelos de Estatutos para orientação.

Estamos, pois, de parabéns, com o sucesso promissor dêsse primeiro curso, que, segundo o desejo das religiosas, será seguido de outros.

Também, a "Semana de Estudos" em preparação à 7.<sup>a</sup> Assembléia Mundial da OMEP, realizou-se na semana anterior à do Curso, com bastante interesse. Na assistência viam-se muitas Religiosas. Havia professores de diversos estados e territórios, o Comitê Nacional Brasileiro da

OMEP vai assim merecendo o seu título de "Nacional". No dia do encerramento pronunciaram palavras de despedida, a representante do Amapá e a do Rio Grande do Sul.

São novas esperanças para o movimento da educação pré-primária no Brasil. (Laura Jacobina Lacombe).

### Curso para formação de Catequistas no Distrito Federal

No Colégio de N. Senhora de Lourdes (Vila Isabel) realizou-se no mês de julho, um Curso para formação de Catequistas.

A feliz iniciativa da Diretoria do Colégio, com o apoio encontrado junto à Conferência dos Religiosos, foi coroada de pleno êxito.

Funcionou o Curso com a freqüência de 63 alunas, ávidas de aprofundar seus conhecimentos e aperfeiçoar seus métodos. As aulas de Doutrina foram confiadas ao Revmo. Pe. Bernardo Gaspar Haanappel C&S.R.; a metodologia do Catecismo ficou aos cuidados do Revmo. Frei Lino Matias OFM que transmitiu às alunas a arte de fazer as crianças "aprender brincando e brincar aprendendo". O Revmo. Pe. Frei Lino é um grande conhecedor da alma infantil. Baseado nesse conhecimento, criou um método inteiramente seu, onde são observadas as mais modernas teorias pedagógicas. Seu método, visando sempre a mentalidade do aluno, favorece o "senso lúdico" e a imaginação da criança, levando-a a participar ativamente da aula, a refletir por conta própria, a amar o Catecismo, criando assim a "idéia-fôrça" que, em tempo, germinará em atividade virtuosa. As alunas tiveram ocasião de observar a eficácia desse método, quando Frei Lino deu uma aula a uma turma infantil. O interêsse, a participação ativa, a alegria e o aproveitamento das crianças foram admiráveis.

No dia 31 de julho, com a honrosa presença do Exmo. Sr. Dom Othon Mota, representando S. Emcia. o Sr. Cardeal-Arcebispo, foram entregues os certificados concedidos pela Conferência dos Religiosos. Acharam-se presentes o Revmo. Pe. Irineu Leopoldino de Souza, e Revmo. Pe. Frei Romano Koepe OFM, além dos Revmos. Frei Lino e Pe. Bernardo Gaspar. Com palavras cheias de entusiasmo Sua Excia. Dom Mota felicitou as Catequistas e incentivou a Revda. Madre Raymunda de Maria, Superiora do Colégio de N. S. de Lourdes, a realizar novos cursos nos próximos anos, fazendo ver o grande alcance de tão necessário e urgente empreendimento.

### Beatificação da Vel. Maria da Providência

Com Carta Apostólica de 26 de maio último. Sua Santidade o Papa declarou Bemaventurada a Vel. Maria da Providência (Eugênia Smet), Virgem, Fundadora do Instituto das Irmãs Auxiliadoras das Almas do Purgatório.

A nova Bemaventurada, nascida a 25 de março de 1826, em Lille (França), "resplandece — diz S. Santidade — pela perfeição de uma fé sobrenatural, pelo contato, por assim dizer, constante com o outro mundo, pelo zelo ardente que a impeliu a transmitir suas convicções ao seu ambiente, e a levá-las em seguida com o mesmo élan de confiança e generosidade". Fundou a nova Congregação, depois de imensas dificuldades e após ter sido animada pelo Cura D'Ars, na cidade de Paris; distinguiu-se principalmente em levar alívio às almas do Purgatório, e depois o bem a tôdas as almas, dos pobres aos doentes e aos abandonados, levando-a ainda a enviar muitas de suas filhas para a salvação da China. Faleceu aos 2 de fevereiro de 1871.

### CORRESPONDÊNCIA DAS SECÇÕES ESTADUAIS DA C. R. B.

#### *Um ano de atividades em Pernambuco.*

Fundada a 28 de abril de 1956 pelo Revmo. Pe. Irineu Leopoldino de Souza, Secretário Geral da C. R. B., a Secção Estadual de Pernambuco procurou corresponder, aos poucos, ao entusiasmo e dinamismo do Secretário Geral que, no salão nobre do Colégio São José, escolheu uma Diretoria entre os Religiosos e Religiosas presentes. No entanto, sómente a 2 de junho, com a presença do Exmo. Sr. Arcebispo, D. Antônio de Almeida Moraes, tomou posse a Diretoria, já um tanto modificada.

Logo no fim do mês, por sugestão da Diretora do Departamento de Serviço e Assistência Social do Rio de Janeiro, Da. Araci Cardoso, foi organizado um curso intensivo de administração de obras. Com a frequência de mais de 150 Religiosas realizou-se êsse Curso no Colégio das Damas da Instrução Cristã, de 29 de junho a 3 de julho.

A Secção Estadual foi representada no II Congresso dos Religiosos pelo seu Presidente, Secretária e muitos outros Religiosos e Religiosas. Por aceitação dos religiosos do Estado foi organizado um album com fotografias e gráficos das atividades dos Religiosos em Pernambuco, para ser ofertado ao Exmo. Sr. Cardeal Valeri, quando de sua volta do Congresso de São Paulo. Diante da impossibilidade de sua visita ao Recife, o album foi enviado para Roma.

A primeira reunião ordinária, após o Congresso, foi realizada a 9 de setem-

bro, em sua séde provisória, no Colégio São Vicente de Paulo. Nesta sessão ficou resolvido que as reuniões mensais seriam feitas no Colégio Nossa Senhora do Carmo e a séde da Secção seria na Ordem Terceira do Carmo, local mais central. Na mesma séde foi criada também mais uma filial de viagens.

Na segunda sessão ordinária, realizada a 14 de outubro, já se pôs em prática a resolução de sessões especializadas, após a sessão geral. Em diversas salas reuniram-se os diversos departamentos para ouvirem um sacerdote dissertar sobre assuntos referentes aos departamentos. Nesta mesma sessão foram também sorteadas as diversas comunidades religiosas encarregadas de apresentarem a conferência mensal do ano seguinte.

No dia 11 de novembro houve a terceira reunião ordinária, sendo tratados, além de assuntos gerais, da criação de um curso catequético para as religiosas, assim como de um curso de auxiliares de Serviço Social, devendo começar suas atividades em março. Comunicou, outrossim, a Diretora da Escola de Enfermagem que funcionaria em 1957 um curso de auxiliares de enfermagem. Dom João Falcão, Pior do Mosteiro de São Bento e o Pe. José Aparício S. J., foram escolhidos para Conselheiros da Secção Estadual. Da parte das Religiosas foram escolhidas uma Irmã Franciscana de N. S. do Bom Conselho e uma Irmã Missionária da Imaculada Mãe de Deus. O nosso Conselheiro Dom João, em uma carta enviada à Diretoria Nacional, pediu que a C. R. B. tomasse a iniciativa de conseguir a modificação da atual legislação do Patrimônio Histórico, imensamente prejudicial aos Religiosos.

Na quarta e última reunião do ano tivemos o prazer de ouvir a palavra ardente do Revmo. Pe. Clemente, Missionário Redentorista, que veio ao Recife tratar da preparação das Santas Missões, a serem pregadas de setembro a dezembro de 1957. Além da obrigação que os religiosos e religiosas teriam de rezar, desde o comêço do ano, foram organizadas três comissões: uma de estatística, outra de imprensa e a terceira de propaganda e visitas aos hospitais. Logo após, numa nova reunião no Palácio Arquiepiscopal, começou a comissão de propaganda suas visitas aos diversos hospitais, distribuindo milhares de orações e incitando os doentes a rezar. Idêntica comissão visitará os Colégios, tão logo principie o ano letivo.

No setor da enfermagem, a Diretoria com o auxílio da Diretora da Escola de Enfermagem N. S. das Graças, orientou as Religiosas dos hospitais na aquisição do diploma de enfermeiras práticas, mediante exame de suficiência.

Eis em síntese, as atividades da Secção Pernambucana da C. R. B., que, graças à cooperação de diversas Ordens e Congregações Religiosas, algo procurou fazer em prol dos Religiosos de Pernambuco, esperando que, para coroar êste ano de maior atividade, consiga organizar, em dezembro próximo, um Congresso regional em Recife.

## BIBLIOGRAFIA

J. B. Priestley. O TEMPO E OS CONWAYS (Coleção "Teatro Moderno"). Tradução de Daniel Rocha. Rio de Janeiro, Livraria AGIR Editôra, 1957, págs. 232.

E' com satisfação que vemos a coleção "Teatro Moderno", lançada pela Editôra AGIR. Após a publicação de "Joana D'Arc entre as Chamas", de Paul Claudel, em ótima tradução de Dom Marcos Barbosa O. S. B., temos "O Tempo e os Conways" de J. B. Priestley, traduzido por Daniel Rocha.

Ressentimo-nos grandemente de boas obras teatrais modernas, e a presente coleção da AGIR vem justamente preencher esta lacuna, especialmente porque são peças de fácil montagem, perfeitamente ajustáveis aos teatros colegiais.

"O Tempo e os Conways" está sendo atualmente apresentado por Maria Clara Machado, com o grupo de "O Tablado", no Patronato da Gávea, com grande aceitação da crítica e do publico. E' realmente uma obra diferente, original, com uma técnica narrativa viva e atraente. Priestley é profundo na análise da alma humana, e sua preocupação constante é o

destino de cada um de seus personagens à procura da concretização de seu sonho. Contrariando a técnica de escrever para o teatro, Priestley revela ao publico, o desfecho da peça, e com isto obtém um êxito surpreendente. Os atos de sua peça são colocados inversamente na ordem de apresentação. A ação do 3.º ato é apresentada no 2.º e no ultimo continua a ação deixada em suspenso no fim do 1.º. Simples, mas ao mesmo tempo surpreendente, porque o publico conhece o destino de cada um de seus personagens e nada pode fazer para evitar a desilusão que os aguarda.

Priestley queria que sua peça fôsse montada por um elenco jovem, o que felizmente aconteceu no Rio com grande proveito, porque realmente o elenco de "O Tablado" é dos mais jovens e eficientes. E' possível que algum conjunto de alunos esforçados faça o mesmo, o que seria digno dos melhores louvores.

Antônio Leopoldino

Pe. Jacó Koch S. V. D. COMPANHEIRO DE JORNADA — PELA VIDA AO ENCONTRO DE DEUS (Tradução de uma Religiosa da Congregação das Irmãs da Divina Providência). Colégio Coração de Jesus, Florianópolis S. C., 1957. 416 pgs.

Parece estranho o título para um livro de leitura espiritual e de meditação; de fato, porém, o volume é um verdadeiro "companheiro" para o homem moderno que, na procura afanosa e constante de Deus, nestes tempos de movimento e de ação, vivendo uma vida turbulenta e inconstante, não encontra uma hora certa para se recolher intimamente em seu espirito e dedicar uns instantes a Deus.

E' uma coleção de breves pensamentos, cada dia sôbre o mesmo assunto. Cada página (uma por dia) apresenta um pequeno martirologio, depois a parte principal, êsses pensamentos coligidos ou es-

critos pelo autor, e finalmente a palavra de Deus, por pequena frase da Sagrada Escritura.

E' um livro que ajuda a pensar e meditar. Aconselhável às almas generosas que no século dispõem de pouco tempo para a oração mental; util também as almas religiosas que, num intervalo qualquer, à simples leitura de um trecho, poderão encontrar inspiração para recolhimento interior, e fervor para a santificação própria. As Irmãs da Divina Providência de Florianópolis merecem os maiores elogios pela ótima tradução e edição esmerada.

Pe. Frei Jamaría de Sortino